ANNO XXV — N.º 2
Rio, 10 de Janeiro de 1931
PREÇO: 1$000
FON
FON

Tambem eu!

— O segredo da minha fortuna e do meu exito como banqueiro é este: **CONFIANÇA.** Têm-na em mim os meus clientes, pois nunca me aventuro em coisas que não a mereçam. Sou, porém, meticuloso quando se trata de proteger a **fortuna das fortunas,** isto é, a minha saude e a dos meus . . .

Por isso em minha casa, para dôres, absolutamente nada mais se toma que não seja a

CAFIASPIRINA

Ha longos annos todos a usamos; os mais debeis e delicados, como minha mãe, que vae nos seus oitenta, me convenceram que é o remedio **unico verdadeiramente digno da minha confiança.** Além disso, como homem de negocios que sabe o que é reputação, digo-lhes apenas isto: bastaria que uma entidade como a Casa Bayer apresentasse um remedio para que eu tivesse confiança absoluta.

Cinco palavras nas quaes está concentrada a opinião universal.

INCOMPARAVEL e unica para dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija-se sempre a **Cruz Bayer.**

O Voluntario

De Carlos Ramos

DESDE o dia 3 de outubro que o joven Mauro vivia apprehensivo e pouco dado a conversas. Sua unica preoccupação era ler os jornaes e procurar inteirar-se da situação geral e, em particular, de Minas, seu Estado natal.

Isto não passou despercebido a d. Julieta, proprietaria da pensão em que o rapaz morava, em Botafogo. Resolveu ella, por isso, falar-lhe um dia á hora do almoço.

— Seu Mauro, que diz acerca da revolução?

— D. Julieta, a mesma pergunta tenho feito a toda a gente, sem que se positive uma opinião.

— Já obteve noticias de sua familia?

— Absolutamente nenhuma. E isso tem-me contristado sobremodo. Não consigo, premido pela atmosphera de incertezas, ter um momento de socego. Preoccupam-me a patria e a familia.

Dizendo essas palavras em tom commovido, o bom Mauro, cabeça inclinada sobre o peito, denunciava o desespero que lhe minava a alma. Não obstante as reiteradas insistencias de d. Julieta, deixava de se alimentar convenientemente. Só o interessavam as noticias sobre a revolução. Ansiava por saber o que havia pelos lados da sua terra. Enchia-se de cuidados pela sua bôa gente. Vivia agora a vida de um atarefado, com os affazeres augmentados, por isso que o jornal em que trabalhava — um vespertino situacionista — se esforçava por fornecer ao publico noticias de sensação.

No dia 11 de outubro, á tardinha, Mauro chegou á pensão um pouco mais cedo que de costume, trazendo na mão um maço de jornaes. Dirigiu-se á dona da pensão:

— Sabe, d. Julieta? Amanhã vou apresentar-me ao Quartel General.

— Não pense nisso, seu Mauro — atalhou a bondosa senhora. — Deus o livre de semelhante loucura!

— Pois é o que lhe digo, d. Julieta. O governo acaba de fazer um novo appello aos patriotas, concitando-os a accorrerem aos quarteis para a defesa da Patria ameaçada.

— E que tem isso, seu Mauro?

— Muita coisa, d. Julieta. Meu chefe, o director do jornal em que trabalho, falou hoje a todos os seus auxiliares expondo a verdadeira situação do paiz e pedindo aos jovens que não relutassem em apresentar-se para o cumprimento do dever civico. Disse-nos que a revolução é obra das policias estaduaes, secundadas por legiões de mercenarios e insuflada pelo impatriotismo de alguns patricios. Segundo affirmou, ainda, as populações pacatas do meu Estado estão sendo submettidas a um regimen de terror, sem garantias e ameaçadas pela fome. Os jornaes desta tarde são unanimes em affirmar que o communismo, o maldito credo de Lenine, lavra em todo o Estado, ameaçando-o de morte certa. Deante disso, d. Julieta, não posso deixar de attender ao chamamento do governo. Elle não póde, elle não deve mentir ao seu povo. Si convoca a mocidade para pegar em armas, é que a situação o exige, é que as instituições estão ameaçadas pela demagogia dos impatriotas.

Ao ouvir essas palavras, proferidas com calor e enthusiasmo, d. Julieta, que queria aos seus hospedes como si fossem filhos, poz-se a enxugar as lagrimas que lhe brotavam dos olhos cansados, e disse:

— Seu Mauro, os boatos que correm por ahi é que a revolução em Minas, como no Rio Grande e na Parahyba, é feita pelos governos estaduaes, apoiados pelo povo.

— Ora, d. Julieta! Tome cuidado, que a policia acaba de crear a "Galeria dos Boateiros"! — redarguiu o moço, maliciosamente.

A bôa senhora, sem esmorecer, arriscou:

— Qual galeria, qual nada, seu Mauro! A voz do povo é a voz de Deus, diz o velho adagio. Não sou entendida nesses assumptos, mas tudo indica que as notas fornecidas pelo governo não dizem a verdade...

— Perdão, d. Julieta — retorquiu Mauro, energicamente; — não posso permittir que tal coisa seja dita sem o meu protesto. O governo não póde, não deve mentir ao seu povo, já o disse. A minha consciencia e o meu amor proprio repellem essa insinuação.

Contrafeita, d. Julieta obtemperou:

— Não se zangue, seu Mauro. Bem sabe que o estimo como a um filho. Custa-me vêl-o partir para uma luta fratricida de consequencias funestas.

Sem dizer palavra, o jornalista-estudante — pois Mauro cursava o ultimo anno de direito — afastou-se para cuidar dos preparativos de viagem e dar algumas providencias necessarias, sendo solicitamente ajudado por d. Julieta.

* * *

Após um estagio de tres dias, apenas, na Villa Militar, onde a azafama era de fazer confusão e causar espanto, o pobre Mauro, mettido em um deselegante uniforme kaki demasiadamente largo, os pés calçados em grossas botinas de couro crú a embaraçar-lhe os passos, recebeu ordem de partir com o seu batalhão para guarnecer um sector da frente governamental no Estado montanhez.

O rapaz, embora mal alimentado e sacrificado ao peso do equipamento e daquellas botinas incommodas, sentia o peito arfar de enthusiasmo patriotico, certo que estava de estar cumprindo com um dever sagrado. Ansiava por chegar a Minas, para, juntamente com os seus companheiros, libertar o povo dos grilhões da policia-politica dos mercenarios e da ameaça bolchevista, segundo os commentarios da imprensa officiosa. Esses pensamentos davam-lhe coragem e reanimavam as suas forças.

Ao termo de uma viagem accidentada de mais de vinte e quatro horas, levados em vagons de cargas e de bois, através de uma noite tenebrosa de incessante aguaceiro, o batalhão de Mauro, com um efficiente de quinhentos homens, chegou á Remonta. Já era dia pleno. Depois de necessario descanso e um ligeiro almoço, a tropa recebeu ordem de se subdividir e tomar direcções differentes, segundo o plano estabelecido.

Um grupo de duzentos homens, entre os quaes se encontrava o joven Mauro, sob o commando de um tenente, encaminhou-se para o sector léste, indo reunir-se ás forças que alli se encontravam, afim de levarem a effeito projectado assalto a um destacamento revolucionario entrincheirado á distancia, disposto a interceptar a passagem das forças legalistas.

Havia ordem do commandante das operações para que se realizasse o ataque na ante-manhã do dia immediato. De facto. Aos primeiros albores do dia, a soldadesca se aprestava para o combate, aguardando apenas a voz de ordem.

Mauro, sincero por temperamento, compenetrado dos seus deveres de soldados, ansiava por entrar em contacto com o adversario, encorajado pela idéa de que arriscava a vida pela salvação da Patria e da familia. Mesmo nos momentos de incertezas como esse, não esquecia a sua querida Véra, tão longe na cidade em que nascêra e que desde alguns annos não via...

Afinal, é dada a ordem de avançar. A bravura de Mauro, o seu desprendimento pela vida assombram os proprios companheiros. No auge do enthusiasmo, elle brada aos soldados: "Coragem, camaradas! A patria exige o nosso sacrificio! Para a frente!"

Nesse mesmo instante, a columna revolucionaria que esperava alerta o ataque legalista surge em uma frente proxima offerecendo combate animado em que a metralha tem energica acção.

Em dado momento, o destemido Mauro, seguido por muitos companheiros, afasta-se espontaneamente, com a intenção de envolver a ala direita da columna adversa. Sendo presentido, um troço de soldados inimigos apressa-se em fazer-lhes opposição. Ha cerrado tiroteio e Mauro, em uma acção conjuncta com os companheiros, consegue subjugál-os. A' sua aproximação do grupo revolucionario, deparam-se-lhe alguns feridos. Esquecendo o odio para dar logar aos sentimentos sãos, o rapaz lança-se precipitadamente para um soldado que arquejava sobre um lagedo, com a intenção de soccorrêl-o. Levanta-o nos braços. Fita-lhe o rosto. E, quasi ao mesmo tempo, com ar aparvalhado, exclama: "Meu pae! Oh, meu Deus, que vejo! Um pae morto pelo filho! Quanta desgraça!"

Emquanto os outros presenciavam, attonitos, aquella scena emocionante e inesperada, indifferentes ao barulho da metralha, ao longe, o soldado ferido, quasi um ancião, visivelmente commovido, as lagrimas a correrem-lhe pelas faces macilentas, ainda poude falar:

— Meu filho, por que vieste combater os teus irmãos e a tua gente?

— Meu pae — respondeu Mauro — não medi sacrificios para vir em sua defesa e em defesa de nosso povo. Sou voluntario e o governo appellou para o nosso patriotismo.

— Pobre filho! — disse, com voz soluçante, o pae. — Vejo que foste ludibriado em tua bôa fé de cidadão probo e filho obediente. Sou eu, teu velho pae, são os teus irmãos, é a propria Vêra, que tanto estimas, que nesta hora de amarguras se batem pela redempção do Brasil, pelas reivindicações de nossos direitos, por uma patria livre.

— Que está a dizer, meu pae!? Que crime monstruoso o meu, combatendo um ideal sagrado, quando a minha intenção é defendêl-o! Que idiota que tenho sido! Malditos os homens que me enganaram! Hão de pagar bem caro por esta traição!

Deitando o corpo do pae sobre a mesma pedra, exclama: "Camaradas! Temos sido torpemente enganados! A causa que estes homens defendem é a nossa causa, tambem. O governo está fóra da lei. Passemos para as fileiras dos que se batem pela victoria de nobres ideaes, que são as nossas verdadeiras aspirações."

As ultimas palavras foram coroadas com um viva á revolução, levantado por todos os soldados alli reunidos. Dahi a instantes, chega um numeroso grupo de revolucionarios, chefiado por um official, que procura inteirar-se das occorrencias. São-lhe prestadas informações por um sargento, emquanto Mauro, abraçado ao corpo exanime do velho pae, chora convulsivamente.

* * *

O dia 24 de outubro veiu encontrar Mauro, juntamente com os seus companheiros do Rio, perfeitamente irmanado com os revolucionarios. Sua acção, desde o dia tragico em que tombára sem vida o velho pae, redobrára de energia. Por varias vezes havia sido elogiado em ordem do dia, por actos de bravura.

Annunciada a quéda da *dymnastia republicana*, o batalhão a que pertencia Mauro teve ordem de regressar a Bello Horizonte. O moço, ao partir, não poude occultar uma lagrima de saudade ao lembrar-se de que atraz de si deixava o pae querido, tão tragicamente roubado á vida. Sentia, ao mesmo tempo, uma inexplicavel alegria, ao lembrar-se de que esses tristes acontecimentos da revolução lhe proporcionavam rever a velh amãe, os irmãos e... Véra, a sua adorada Vérinha.

Tres dias após, o especial entrava triumphante na "gare" da estação de Bello Horizonte. A massa popular que aguardava a chegada da tropa delirava em frente á estação. Todos queriam ver e abraçar os heroes.

Um dos primeiros a saltar do carro foi Mauro. Ansiava por rever a cidade que tanto admirava — o coração do seu Estado natal.

Quando se dispunha a caminhar para fóra, sentiu que alguem o abraçava freneticamente, dizendo:

— Meu filho querido! Deus enviou-te aos meus braços!

— Minha mãe! — respondeu o rapaz, emocionado. — Como veiu a senhora ter aqui? Como soube da minha vinda a Bello Horizonte?

— Não soube de nada. Nem mesmo que lutavas pelos nossos, meu filho! Vejo gora que o fizeste e sinto grande orgulho nisso.

Emquanto abraçava o filho e o beijava enternecidamente, a pobre mulher alongava o olhar por sobre a multidão, como a procurar alguem.

— A quem procura, minha mãe?

— Teu pae, Mauro. Elle tambem se sentiu moço e quiz pelejar pela honra do Brasil. Chorei a sua ausencia, mas não quiz evitál-a. Elle, coitado, deve estar ahi junto com os outros.

O pobre filho sentiu o coração estrangular-se-lhe no peito. Faltava-lhe coragem para contar a verdade. Comtudo, teve animo para falar:

— Penso que meu pae não veiu. Si tivesse vindo, eu o teria visto.

— Vamo-nos retirar daqui. Sinto-me cansado e ainda tenho de seguir para o quartel.

— Sim, meu filho; irei comtigo — respondeu a pobre mãe, em um mixto de alegria e tristeza. — Com certeza, teu paesinho quer fazer-me uma surpresa, não é assim?

Mauro, cabisbaixo, sem articular palavra, sentiu uma profunda tristeza ao lembrar-se de que o pae já era morto e que, entretanto, sua bôa mãe ainda o esperava ansiosamente para preencher o vacuo que a sua ausencia cavára no seu coração.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre ...... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4136 — Caixa Postal 897

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Ltd. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram-lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual deve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e limpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem eliminadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette em todo o Mundo.

IDOLO PARTIDO

JOTA PRADO

JOÃO Pedro, oppondo-se á corrente humana que atravessava a rua, parou. Deslumbrado, quasi em extase, absoveu num olhar a mulher que examinava as vitrines em frente. Era ella, sim! Os dez annos passados não a modificaram quasi. Quando ella, lentamente, se voltou para examinar a turba, elle reconheceu os mesmos olhos de ha dez annos, o mesmo rasgado artistico da bocca.

Ha dez annos, João Pedro, na pequena cidade em que nascera, era o noivo feliz de Maria Lucia. Seu feitio de provinciano, alliado ao romanticismo proprio da adolescencia, era a dupla força que sustentava, num altar a noiva querida. Altar de pureza, immaculado, de onde emanava um suave lyrismo, que lhe enchia a existencia. A's vezes, acontecia que, illudindo o olhar de uma tia resmungona, cerebro de saias, beijava as mãos da noiva. No periodico local, era certo, então, apparecer um soneto, onde o disfarce de duas iniciaes mal encobria o autor, e onde o manancial de ternuras era tão rico quanto a pobreza em rimas...

Entretanto, o dinheiro, que, digam o que disserem, é mais forte que o amor, interpuzera-se entre os dois; uns negocios mal dirigidos esvaziaram o pé de meia do rapaz. A familia da moça bateu firme o pé no chão: Não casa! E emquanto as tias, que tutelavam a pequena, fechavam cerco a um fazendeiro rico da vizinhança, João Pedro, altivo demais para lutar, tomava rumo da cidade.

Na capital esperava-o o batalhar continuo e tenaz. Vencendo aqui, fracassando acolá, ia João Pedro ao sabor da maré. Mas nunca a imagem de Maria Lucia se lhe apagou da mente. Ha certos amores que augmentam com a distancia e o tempo. Aquelle era um delles. Maria Lucia, que elle vira pela primeira vez na "terrasse" da casa grande da fazenda, muito branca e muito pura, era ainda o ideal que lhe norteava a existencia. Vivia de recordar...

A mulher que, do outro lado da rua, examinava a multidão, pareceu reconhecer João Pedro. Depois de hesitar um instante, compoz um sorriso e dirigiu-se para elle. Parou ainda. Parecia indecisa. João Pedro, permanecendo quieto e mudo, animou-a, no emtanto, com um sorriso. Ella agora estava junto delle. Mas não parou. Disse-lhe qualquer coisa, sim, mas continuou andando, deslisando quasi, entre as ondas do povo. O homem, a principio, não comprehendeu. Mas depois, pouco a pouco, foi-lhe surgindo nitida a verdade. Aquelle olhar... Aquelle sorriso... Não eram de reconhecimento, não. Mas commerciaes, apenas... E sentindo, na força do seu desengano, quebrar-se qualquer coisa dentro do peito, João Pedro mal póde murmurar: "Que miseria, esta vida!..."

BELDADES DE CERA

UM artista de Londres está activamente empenhado em fazer figuras de cêra de famosas *estrellas* do theatro e do cinema para as vitrinas dos costureiros e modistas. No futuro, quando se quizer comprar um chapéo ou um vestido, vae-se ver exposta a moda nos manequins de Greta Garbo, Mary Pickford e outras favoritas.

Poucos sabem a historia admiravel dessas bonecas de cêra.

Muitos param para contemplar essas figuras que parecem vivas, apresentando as ultimas modas. Um manequim póde custar 25 libras e a maioria vem do famoso studio parisiense de Pierre Smaus, que produz seis mil figuras annuaes e emprega mais de cem operarios.

O primeiro passo na manufactura de manequins de cêra tem lugar no que se chama *sala dos modelos*, onde famosos esculptores modelam as mais ordinario cuidado se toma na escolha dos originaes lindas raparigas que se podem encontrar. Extravivos, e sómente os que têm menos defeitos no rosto e no corpo é que são adoptados. Quando se conclúe o primeiro modelo, faz-se um molde de gesso da figura. Nesse molde se despeja a cêra.

A cêra não é especial nem de qualidade secreta, e só o que se póde dizer é que é o resultado de longas experiencias chimicas. Com a cêra se misturam tintas, que dão a natural transparencia e tom rosado da pelle.

Quando a cêra esfria, tira-se o molde e a figura é mandada para a ultima demão. Ahi se completa a obra, retocando feição por feição, accrescentando côr num lugar e tirando-a de outro. Talvez essa seja a mais importante de todas as operações, porque dahi depende a expressão e a delicadeza do modelo acabado.

Nesse ponto, tambem se colloca o esmalte dos olhos, escolhendo-se o colorido condizente com o especial typo de belleza de cada uma das beldades. Preparam-se os dentes, que são collocados pelos dentistas, e o modelo passa á sala onde lhe é posto o cabello.

Em geral, os operarios desse departamento são mulheres. Cada fio tem que ser cosido de per si no craneo. Quando a delicada tarefa está concluida, cabelleireiros especiaes fazem o penteado com o cuidado que tomariam si fosse ente humano. Finalmente, o modelo está prompto e as suas unhas são arredondadas e polidas por habeis manicuras.

A JOVEN DE ARGEL

Arthur Mills

A PESAR do que se diz em contrario, não é prerogativa exclusiva dos maritimos ter uma noiva em cada porto. Qualquer joven de bôa presença e caracter atrevido, póde ter todas as que quizer. Pedro era um desses jovens quando contava vinte e cinco annos e fazia parte da officialidade dos Hussares de Sua Magestade, epoca em que se casavam nelle a figura flexivel e elegante de official de cavallaria com o espirito audaz, tradicional naquelle corpo.

Estava de viagem para juntar-se a seu regimento no Oriente e chegára á cidade de Argel, seguindo o conselho de um amigo que lhe informára tomasse um dos vapores da linha P. E. O., em logar de fazel-[o] em Marselha.

No momento em que começa a narração, elle se [en]contrava assentado numa das mesas do café da [E]trella, á rua d'Isle, amaldiçoando o amigo, porque a[ca]bava de saber que o vapor vinha atrazado e só [che]garia dois dias depois. Não sabia o que fazer p[ara] passar o tempo até lá.

Do logar em que se encontrava assentado, po[dia] observar os que passavam. Um grupo de argeli[nos], composto de uma mistura de judeus, arabes e eu[ro]peus de raça latina, impressionou-o desfavoravelme[nte]; suas feições eram menos varonis que as dos habita[ntes] do extremo Oriente do Mediterraneo, e faltava-l[hes] vitalidade. Preferia os arabes de puro sangue, de q[ue] vira passarem alguns, com o seu habitual ar ma[jes]toso e os seus turbantes brancos. Um joven arabe, [ma]gnifico, estava, precisamente, parado perto delle. Tra[]tava-se, sem duvida alguma, de um homem de fortu[na], pois as suas vestes eram das mais ricas e elega[ntes] que vira em toda a sua vida.

Este espectaculo fel-o olvidar, por momentos, o abo[r]recimento, emquanto a sua apparencia de inglez f[ez] com que se encontrasse logo rodeado de uma multi[dão] de vendedores ambulantes e de mendigos, como é d[e] praxe nos portos do Mediterraneo.

Depois de desfazer-se, como poude, dos importu[nos] e quando já começava a familiarizar-se com o log[ar] viu um grupo, no centro do qual se achava uma jov[en] que attrahiu immediatamente a sua attenção.

Essa rapariga — como Pedro disse a si mesmo — era alguma coisa fóra do commum. Ha muito tem[po] já, não via uma moça tão bonita. Ella, por sua pa[rte] não ignorava que era bella, pois tinha esse ar de [im]portancia proprio das mulheres seguras de seus attra[]ctivos. A joven notou que Pedro a olhara, e este pou[de] precaver-se, em razão do rapido olhar que a moça lhe dirigiu e pela maneira ostentosa porque se poz a con[]versar com aquelles que a acompanhavam, como [a] mostrar ter elle despertado muito pouco interesse nel[la].

Não podia assegurar qual seria a sua nacionalidade. Parecia ingleza, mas pelo modo de vestir-se e pela v[i]vacidade dos gestos, quando falava, poderia ser tom[ada] por franceza. Seus companheiros tambem o intri[ga]vam. O homem era de baixa estatura, grosso de co[rpo] e entrado em annos; parecia argelino, pela côr es[cura]. Dava-se o mesmo em relação á mulher, igualme[nte] baixa e gorda. Que teria essa moça, branca e esb[elta] com tal gente? Não podia ser parente de nenhum dos dois.

Quem quer que fosse, agradava-lhe. Conhecia, [não] obstante, o sufficiente sobre paizes estranhos para [sa]ber que, provavelmente, teria de conformar-se em [ad]mial-a á distancia, se por acaso a visse de novo. [Ja] estrangeiro, as jovens bem educadas não presta[m] attenção alguma ás relações que se possam enta[bo]lar nos cafés. Elle, porém, nada perdia em admiral-a.

Não se dava por achada. Todas as vezes que Pe[dro] olhava em sua direcção, encontrava-a sempre com [a] vista em alguma outra parte ou conversando anima[da]

lamente com seus companheiros. Parecia tão alheia á sua presença, que até duvidou tivesse notado encontrar-se elle ainda ali, assentado a uma das mesinhas.

Depois de tres tentativas, sem nenhum exito, para trocar um olhar com ella, decidiu-se a abandonar o café e chamou o caixeiro. Emquanto este contava o troco, olhou-a de novo e viu que um negociante hespanhol de tecidos, que se aproximara tambem delle no começo, lhe mostrava agora mantilhas de seda. Seus dois companheiros conversavam entre si. Parecia interessada nas mantilhas, e, emquanto as examinava com as mãos, falava ao mercador. Afinal decidiu-se a não comprar nenhuma e despediu o individuo, que se dirigiu para onde o moço se achava.

Pedro fez-lhe signal que se afastasse, mas o mercador não se deu por entendido e mostrou-lhe uma das mantilhas mais convidativas.

— Leva-as daqui; não quero comprar nada — disse-lhe Pedro.

Como resposta, o homem approximou-se mais ainda e collocou-lhe a mantilha sobre o braço.

— Digo-lhe que tire sua mercadoria — insistiu Pedro, chamando o caixeiro para fazer sahir o importuno vendedor.

Mas, antes que chegasse o caixeiro, o homem conseguiu dizer a Pedro:

— Na mesquita de Omar, ás tres da tarde.

— Que diz você? — interrogou Pedro.

Mas o homem desappareceu immediatamente.

Pedro ficou pensativo. Que quereria dizer esse sujeito no falar-lhe: — *Na mesquita de Omar, ás tres da tarde?* Tratava-se, por acaso, de uma mensagem da parte da joven? Mas, se ella tinha interesse em falar-lhe, por que nem siquer o olhara? Pedro observou que o vendedor de fazendas estava parado na rua, conversando com o joven arabe bem vestido. Estava a ponto de levantar-se para se dirigir ao homem, quando notou que o gordo argelino pagava a sua conta. Viu que o grupo ia abandonar immediatamente o café e que os seus componentes passariam a seu lado ao retirar-se. Conservou-se, pois, em seu logar, esperando que assim o fizessem.

Passaram, com effeito. Em primeir ologar, o argelino, depois a joven e, por ultimo, a mulher. Pareceu a Pedro que os dois vigiavam a moça, mas esta não parecia dar por tal, caminhando com a maior naturalidade e olhando para todos os lados, como se estivesse entre pessoas de confiança.

Quando se aproximaram de sua mesa, Pedro fez todo o possivel para chamar a attenção, porque, se ella o olhasse, poderia acreditar vir della a mensagem, e, no caso contrario, tratar-se-ia de algum ardil para fazel-o visitar a mesquita e dar a propina correspondente.

Quando ella deslisou a seu lado, o coração palpitou-lhe com violencia; a moça, porém, não deu mostras de querer fazer-se comprehendida. Pedro teve opportunidade de admirar-lhe a formosura mais de perto, ficando-lhe na mente bem gravada a graciosa silhueta.

Notou que o olhar da argelina entrada em annos estava fixo sobre elle, com uma franca expressão de hostilidade, como se lhe quizesse mostrar todo o aborrecimento pelas tentativas feitas para attrahir a attenção da moça. Suas feições denotavam um caracter desagradavel, sob todos os pontos de vista.

Abandonou a idéa de seguil-os e permaneceu no café para o "lunch" e para a leitura dos jornaes inglezes, o que o trouxe distrahido até ás duas e meia da tarde, occasião em que chamou o caixeiro e perguntou onde ficava a Mesquita de Omar.

O caixeiro deu-lhe a explicação necessaria, accrescentando que era a melhor mesquita de Alger e que nenhum viajante deixava de visital-a.

Como não tinha nada que fazer até á hora do jantar, Pedro achou que seria melhor ir ver a mesquita. Ainda que o procurasse occultar a si mesmo, o certo é que a imagem da joven permanecia gravada em seu pensamento. Não acreditava no amor á primeira vista, mas tão pouco podia negar a impressão que lhe produzira a desconhecida desde o primeiro momento. Não ousava suppor vêl-a de novo, desde que todas as suas manobras para entrar em relação com ella tinham fracassado, pela manhã.

Mas, apesar de todas as apparencias lhe serem favoraveis, não podia supprimir de todo a idéa de que a moça notara, na realidade, sua presença no café e até alimentava a illusão de que ella desejava falar-lhe.

Afastando-se da rua d'Isle, Pedro caminhou pela costa. Não havia muitas embarcações no porto; alguns navios carvoeiros e de carga, assim como o pequeno vapor que faz a carreira entre Argel e Marselha, e, acolá, na bahia, divisava-se um bote a motor, que a atravessava com uma velocidade de sessenta kilometros á hora. Pensou no prazer que encontraria viajando num desses botes.

Depois de caminhar um pedaço, deu com a rua principal da cidade, onde lhe haviam dito ficar a mesquita de Omar. Um arabe aproximou-se logo e saudou-o respeitosamente:

— Quer Abdullah, como guia, senhor?

Estava bem vestido e possuia uma certa distincção de maneiras, que impressionou favoravelmente Pedro. Acreditou tel-o visto antes, e, com effeito, descobriu ser o mesmo arabe a quem o vendedor de fazendas falara ao sahir do café, pela manhã.

— Desejaria visitar a mesquita de Omar — disse Pedro.

— A mesquita está fechada para os visitantes, esta tarde — respondeu Abdullah. — Ha outros pontos da parte antiga da cidade que merecem ser conhecidos.

Pedro não acreditava que a mesquita estivesse fechada, já que lhe haviam dito poder visital-a. Por isso, contestou:

— Procurarei entrar na mesquita, porque talvez não tenha opportunidade de vêl-a uma outra vez.

Continuou, pois, o seu caminho, acompanhado de Abdullah. Assim que chegou em frente da mesquita, viu entrarem e sahirem outros turistas como elle, o que confirmava a sua crença de que a mesquita estava aberta e que o arabe lhe havia mentido.

Entraram. Pedro encontrou-se numa grande camara obscura, cujo pavimento se encontrava coberto com magnificos tapetes do Oriente. Com o pretexto de dar um giro de inspecção, começou a revistar cuidadosamente todo o edificio.

Já o havia percorrido em quasi toda a extensão, quando se encontrou, de chofre, com um grupo de pessoas trajadas á moda européa, que olhavam os vitraes do templo. Havia dois homens e duas mulheres, a uma das quaes reconheceu de prompto. Era a joven do café. A outra mulher era a argelina, acompanhada do marido.

O quarto individuo trazia um uniforme. Pelo numero de seus galões, Pedro deduziu que se tratava de algum funccionario de importancia. Era alto, de bochechas salientes e apparencia vulgar.

Pedro sentiu-se chocado ao ver que o mesmo se encontrava em muitos bôas relações com a joven, a quem dava o braço.

Recordando os olhares cheios de odio que lhe tinha dirigido a argelina, no café, Pedro se propoz tomar todas as precauções necessarias para evitar qualquer nova suspeita. Collocou-se ao lado da joven como um turista qualquer e poz-se a olhar os vitraes como se nunca houvesse visto maravilha maior. De repente, sentiu que alguem lhe tocava na mão e collocava-lhe um papel entre os dedos. Pedro não perdeu, com isso, a presença de espirito. Nem siquer se voltou para ver se era a joven quem lhe havia entregado o papel. Pouco depois, Abdullah tocou-lhe no hombro, dizendo-lhe que deviam visitar a tumba de um sacerdote musulmano, ali mesmo.

Olhando para a esquerda, Pedro viu que o grupo tinha desapparecido. Depois de visitar o tumulo do sacerdote, Pedro agradeceu a Abdullah os seus serviços, dizendo-lhe já ter visto bastante e que se ia retirar.

O arabe fez com que Pedro chamasse um "taxi", dando ordem ao "chauffeur" para conduzil-o ao hotel. Ao ir-se, Abdullah lhe disse:

— Irei vel-o esta noite no hotel.

— Maldito arabe! — pensou Pedro, sentindo haver dado o nome do hotel ao conductor.

Uma vez no taxi, abriu nervosamente o papel e leu: *"Café da Estrella, ás 11 horas em ponto."*

(*Cont. na pag. seguinte*)

A JOVEN DE ARGEL

(Continuação)

Além de tudo, póde acontecer que o vapor da linha P. E. O. venha atrazado, pensou Pedro.

A's onze menos um quarto, dirigiu-se ao café da Estrella e installou-se na mesma mesa que occupára pela manhã. Sentia que os factos se desenrolariam agora com rapidez. Pelo menos, saberia si se tratava ou não de alguma burla ou de algum ardil. Joven e cheio de optimismo, inclinava-se a crer que tudo correria bem, mas ao mesmo tempo recordou-se de que a joven nem ao menos o olhára durante o dia. Como se atreveria, então, a sahir sozinha ás onze da noite, para ir ao seu encontro?

Olhou ao derredor. O café estava cheio de gente. Uma joven de aspecto attrahente chamaria, seguramente, a attenção. Mas, afinal de contas, fôra ella propria quem indicara este logar e deveria saber o que fazia. Pensando em todas estas coisas, descobriu, numa mesa proxima, o gordo argelino e o individuo de uniforme que vira na mesquita.

A presença de ambos não augurava nada de bom. Estava seguro de que a joven não desejava encontrar-se com semelhantes pessoas. Alarmado por ella, Pedro imaginou que, se viesse sozinha pela rua, elle deveria ir ao seu encontro, para avisal-a do que se passava.

Muito a contragosto e com grande aborrecimento, foi que viu chegar Abdullah, vestido com a elegancia de sempre.

Abdullah parou em frente da mesa de Pedro e cumprimentou-o com sua cortezia habitual. Pedro respondeu á saudação, num movimento rapido de cabeça.

— Quer ver a dança da vibora, esta noite? E' muito interessante.

— Não. Prefiro ir dormir.

E depois, para desfazer-se do individuo, ajuntou:

— Venha aqui mesmo, amanhã, ás dez horas, para mostrar-me algumas outras curiosidades.

Semelhantes palavras pareceram satisfazer Abdullah, que se afastou. Pedro olhou o relogio e viu que eram onze em ponto. O argelino e o importante funccionario encontravam-se na mesa ainda. Só Deus sabia o que se passaria se a moça viesse e os encontrasse alli. Não a via, porém, em parte alguma.

Um cinematographo proximo trazia no momento grande concorrencia á rua, uma concorrencia composta de individuos de todo o genero: francezes, italianos, arabes, e que lhe passavam ao lado, vestidos de maneiras diversas.

Os vendedores ambulantes ainda pullulavam pela rua numa hora tão avançada da noite.

Pedro conseguiu desfazer-se de alguns delles, quando uma mulher arabe, inteiramente velada, veiu offerecer-lhe um collar de contas de ambar. Como o vendedor de fazendas, collocou-lhe o collar sobre o braço.

— Deixe-me em paz — começou Pedro, para que se fosse dali. Mas, conseguindo ver os olhos da vendedora, que o fixavam por cima do véo, notou que eram verdes.

— Siga-me, mas não me dirija a palavra.

Estas palavras, ditas com cautela, foram pronunciadas no mais puro inglez. Depois, a joven afastou-se.

Deixando sobre a mesa o dinheiro para pagar a despesa, Pedro misturou-se com a multidão que se movia na rua. Podia distinguir a dama velada a uns vinte passos de distancia. Ia sem meias, como as mulheres pobres do logar. Mas sua figura nada perdera da elegancia.

Percorreu toda a rua d'Isle e, em seguida, internou-se numa viella. Pedro seguiu-a. A viella tornava-se cada vez mais estreita e mais escura. Sem que desse por tal, a joven desappareceu de suas vistas.

Acreditou que tivesse cahido numa emboscada. Proseguiu em seu caminho, não obstante, e, ao passar por deante de uma porta, uma mão agarrou-o pelo braço e fel-o entrar á força num saguão. Esteve parado durante um momento, na mais completa escuridão. Abriu-se, depois, uma porta, que dava entrada a um pequeno aposento bem illuminado.

— Entre! — ouviu dizer.

Ella, a joven do café, estava parada no meio do aposento, já sem o véo e o adorno da cabeça.

— Sinto tel-o incommodado de tal modo — disse em perfeito inglez. — Esperava ter occasião de falar-lhe na mesquita, mas elles alli estavam. E' horrivel; não me deixam sozinha um unico momento, e, o que é peor ainda: *elle* tambem se encontrava presente.

— E quem são *elles?* E quem é *elle?*

Pedro falava lentamente, quasi em tom jovial. Era evidente que a moça se achava muito nervosa, e elle desejava acalmal-a.

— Esse desagradavel casal argelino com quem estou morando. Viu-os no café esta manhã. Receei lançar um olhar para o seu lado, porque alli se encontravam; vigiam-me constantemente.

— E quem é *elle?*

— Meu noivo.

— Seu noivo!

Pedro sentiu que o mundo desapparecia sob seus pés. Assim, ella estava compromettida em casamento e o noivo achava-se na cidade! Não era de admirar, então, que tivesse tido tanto cuidado no café e não o olhasse na mesquita.

— Devo casar-me no sabbado proximo.

Pedro guardou silencio. Não o deixava satisfeito a nova, mas, no emtanto, nada encontrava para dizer.

— Não quero casar-me com esse homem. Preferirei lançar-me ao mar.

— Ah!, nesse caso...

— O senhor não comprehende — interrompeu ella. — Em França, existe o casamento de conveniencia, e as jovens, muitas vezes, não são consultadas a respeito. Papae, que era inglez, morreu. Mamãe arranjou tudo isto. Meu noivo é o chefe de policia de Argel e tem uma posição elevada. Minha mãe conheceu-o em Paris, e alli combinaram as coisas. Mandou-me para cá passar uma temporada com uns amigos que eu nunca tinha visto. Não me deixam livre um só momento. Quando cheguei, disseram-me que me devia casar com o chefe de policia. Conhecera-o em Paris e odiava-o. Disse-lhes, então, que nunca me casaria com elle; riram-se de mim, respondendo que tudo se encontrava prompto para sabbado.

— Que poderia eu fazer? — continuou ella, depois de alguns segundos. — Aqui não é Paris, nem siquer a França. Em Paris, uma moça a quem se quer casar contra a vontade, póde sempre refugiar-se em casa de alguma amiga. Mas numa colonia como esta — tão distante — não ha ninguem que possa prestar algum auxilio. Tanto o consul como o governador, são amigos de meu noivo e acreditam em tudo quanto elle diz. Não tenho dinheiro algum, nem posso conseguil-o, de modo que estou completamente em seu poder. Levar-me-ão sabbado á egreja, e se eu me negar a ir, o intendente virá onde resido, casar-nos. Todo o mundo está prompto a prestar serviços ao chefe de policia. Estava desesperada esta manhã, quando o vi no café da Estrella, e notei que era inglez. Sei que, como tal, estará sempre disposto a prestar auxilio a uma moça collocada na situação em que me encontro. Consegui que me emprestassem esta roupa e pude fugir até aqui. Ajudar-me-á o senhor?

— Sem duvida — disse Pedro, ainda que não soubesse como ser-lhe util em tal emergencia.

No sabbado chegaria o vapor. Se tivesse de ir para a França, em logar de Bombay, ser-lhe-ia relativamente facil escondel-a num dos pequenos vapores que fazem a viagem para Marselha.

— Como poderei vel-a outra vez? — perguntou elle.

— Vestir-me-ei como agora e estarei com o senhor, por minutos, amanhã á noite, á mesma hora, em frente ao café.

— Muito bem. Está dito. Emquanto isso, procurarei descobrir o que posso fazer pela senhorita.

Ella ia retirar-se, quando Pedro a deteve.

— Permitte-me dizer-lhe uma coisa?

A moça esperou, com a mão prompta para collocar o véo.

— E' que, apesar do véo, creio que a senhorita é a moça mais bonita que conheço. Deixar-me-á beijal-a?

— Não ha inconveniente algum.

Permittiu que a tomasse entre os braços e devolveu-lhe o beijo recebido.

— Estou, na verdade — pensou Pedro, mais tarde, em seu quarto, no hotel — quasi decidido a levar essa moça a Bombay. Creio que não haverá nisso o menor inconveniente.

(Continúa na pagina 12)

A JOVEN DE ARGEL

(Continuação)

Na manhã seguinte, Pedro visitou a agencia dos vapores P. E. O., e averiguou que um passageiro ou passageira poderia embarcar no sabbado e viajar até Port Said, e deste ponto seguir em outro vapor para França.

Dirigiu-se á noite ao café da Estrella e esperou a moça; sabia já que o seu nome era Germana Smith.

Viu-a vir. Não podia descobrir-lhe o rosto, mas reconheceu o collar de contas de ambar. Não se deteve em frente da sua mesa, mas fez-lhe um ligeiro movimento de cabeça, indicando que devia seguil-a.

Desta vez, em logar de dobrar para a esquerda, dobrou á direita, ao sahir da rua d'Isle, penetrando numa viella tão escura e tenebrosa como na noite anterior.

Uma vez longe do povoado, Pedro aproximou-se della e tomou-lhe o braço. Só teve tempo de pensar que lhe parecia um pouco grosso para o de uma moça como Germana, porque um sacco desceu-lhe pela cabeça abaixo; prenderam-lhe as pernas, alguem lhe deu uma pancada na fronte e elle cahiu sem sentidos.

* * *

Recuperou, afinal, os sentidos, e encontrou-se amarrado numa cadeira, vigiado pelo arabe elegante, coberto por um albornoz de côr parda.

— Acreditou, então, que era alguma rapariga bonita? — perguntou-lhe Abdullah, com um sorriso nos labios.

— Ha inconveniente em dizer-me onde me encontro? — perguntou-lhe Pedro, por sua vez, com frieza, notando que já era dia.

— O senhor mesmo o verá.

O arabe abriu uma janella.

Pedro encontrou-se á cavalleiro da bahia, distinguindo alli as mesmas embarcações que vira antes; mas observou, tambem, que entrava um dos vapores da linha P. E. O.

— Hoje é sexta-feira? — perguntou, com ansiedade.

— Não, sabbado.

Sabbado! O vapor que deveria tomar, partiria ás tres da tarde. Não havia outro antes de tres semanas. Além de outros inconvenientes, seria certamente processado por ter-se excedido na licença. Mas tudo isso era de pequena importancia, comparada com a sorte da pobre moça, cujo casamento deveria celebrar-se nessa mesma tarde. Ainda que sentisse perturbado o espirito, Pedro via que era preciso conservar a sua serenidade.

Estudou as feições do captor, sempre elegante e calmo, prompto a servir qualquer homem que lhe pagasse bem.

— Quanto está ganhando neste negocio? — perguntou-lhe.

Abdullah fez que não entendia, e só quando Pedro repetiu a pergunta, é que lhe disse em tom de quem comprehendeu mal:

— Ganho a honra de servir a s. ex. o senhor chefe de policia, honra que tem tambem o seu valor.

— Não estará recebendo algum dinheiro?

— Quinhentos francos — decidiu-se a confessar.

— Não é muito.

— E' mais do que posso ganhar como guia.

Pedro resolveu cortar o nó gordio.

— Vê esse vapor da P. E. O., que acaba de entrar na bahia? Se conseguir que a senhorita Germana Smith e eu partamos nelle, esta tarde, antes das tres, dar-lhe-ei cinco mil francos.

Abdullah balançou a cabeça.

— Cinco mil francos não servem para nada a um homem encarcerado. O chefe de policia é muito poderoso em Argel. Se eu lhe entregasse os planos de casamento, metter-me-ia na prisão e mandar-me-ia açoitar até morrer, sem duvida nenhuma.

— Mas o chefe de policia não precisa saber de coisa alguma. Ella poderá pôr-se em seu disfarce de mulher arabe e sahir com você, sem que ninguem o desconfie.

— Está muito bem. Mas quando o vapor partir e eu ficar aqui, como farei para responder ás perguntas que me serão feitas?

— Farei com que o capitão do navio leve você até Port Said.

— Em Port Said serei um desconhecido?

— Ha mais turistas em Port Said do que em Argel, e são mais ricos. Dar-lhe-ei dez mil francos para se estabelecer com um bazar.

Abdullah hesitou:

— Como posso saber que cumprirá a sua palavra?

— Porque sou inglez e dou-lhe a minha palavra de honra como cumprirei com o promettido.

— Está bem. Tudo se fará como o seu desejo.

* * *

A sereia do vapor annunciava a sua partida. Olhando a estibordo, Pedro notou, com desusado prazer, que um funccionario carregado de medalhas e galões, descia a escada do navio.

O chefe de policia, com a necessaria permissão, revistara, pessoalmente, o vapor *Gooltan*, da linha Peninsular e Oriental.

A revista fracassára, porquanto não se havia encontrado Germana Smith a bordo do navio, posto que Abdullah estremecesse de medo ao passarem elles perto do logar em que, com Germana — devidamente disfarçados ambos — se achava misturado com os demais passageiros arabes.

O chefe de policia quiz prender Pedro e leva-o comsigo. Mas sabia que prender um subdito britannico, sem motivo justificado, era perigoso, e, como Germana não se encontrava no navio, nenhuma accusação poderia ser feita a Pedro, relativamente ao desapparecimento da moça.

* * *

A's tres em ponto, zarpou o *Gooltan*. A's quatro encontrava-se a quinze milhas de distancia de Alger, fazendo dezesete milhas por hora, num mar muito calmo.

Um grupo formado por Germana, Pedro e o capitão, estava na coberta. Germana pedira emprestado um vestido á européa. Era, agora, uma passageira de primeira classe. Os tres riam-se alegremente. Tinham contado tudo ao capitão.

— Já não nos podem capturar, não é verdade, capitão?

— Não ha nenhuma embarcação na bahia de Argel que nos possa alcançar antes de chegarmos a Port Said — respondeu o capitão.

Falava com decisão.

Um momento depois, não obstante, tomou o binoculo de mar e poz-se a esquadrinhar o horizonte.

— Que me leve o diabo se consigo saber do que se trata. Alguma coisa se move acolá, levantando a agua do mar.

Olhou de novo com o binoculo, e repetiu:

— O que é, não sei; mas o certo é que se approxima do nosso navio.

Germana segurou o braço de Pedro:

— E' o bote a motor!

Pedro olhou attentamente, por sua vez, e viu que se tratava, na verdade, do que ella dizia.

— Não ha navio que possa escapar a uma dessas lanchas — falou, então, o capitão.

Germana perguntou-lhe:

— Não pode fazer alguma coisa?

O capitão parecia preoccupado.

— O certo é que estamos em aguas francezas e minhas ordens são muito severas sobre o trato com os estrangeiros. Se traz uma ordem em regra, terei que acatal-a. Se a senhorita fosse subdita ingleza, tudo estaria arranjado.

— Posso dizer-lhe uma palavra, capitão?

Pedro fez um signal a Germana para que ficasse onde estava, emquanto elle falava com o capitão, um pouco mais afastado.

Ella observou, quando falavam, que Pedro mostrava uns papeis, entre os quaes parecia figurar um passaporte.

Pedro chamou-a depois:

— Venha um momento. O capitão deseja falar-nos.

A manobra de parar o motor e permittir o accesso de um passageiro a bordo pode fazer-se com muita rapidez, mas tambem pode demorar algum tempo, se o capitão assim o deseja.

(Conclúe na pagina 14)

AVÓSINHA (S. Paulo) — Ora viva! Aqui está a missiva, de um verde pallido, quasi malva, que não me traz um voto de bôas festas, nem uma palavra que recorde as promessas consoladoras da esperança. Ao contrario: nella, a sua autora distillou um certo veneno... côr de rosa, misturado com um certo esforço de fazer ironia...

Ella aqui vae como um presente de Natal ás leitoras bonitas... e vovós (?)

"Yves — Seja-me dado apresentar primeiramente ao elegante construtor de rimas, os meus saudares juntamente com os votos para que o encontre de bom humor e não venha a franzir os sobrolhos ao receber-me.

Agora, ao assumpto: Yves, notei e continúo a notar que em todos os numeros do *Fon-Fon*, quando você não se indispõe com a idade de suas leitoras no "Saibam todos", é certo encontrar-se em "Faianças" ou em qualquer outro trecho escripto por você, essa vontade de ferroar as almas femininas.

Você dá, assim, a todos, a impressão de que é somente lido por pessôas cuja idade já não lhes permitte sonhos e antes de tudo, você é poeta... os sonhadores do universo.

Ademais, eu velhinha como estou, experiente do mundo e de todos, tenho direito de contar a você que, muitas vezes, essa vontade que temos de apregoar os defeitos alheios, não visa outro fim senão o de esconder aos demais, os nossos proprios defeitos que, se passam despercebidos a alguns, custam muito e talvez não consigam escapar aos nossos proprios olhos.

Tive uma prima que, para ella, todas as moças eram mais velhas do que ella e em seu parecer, não havia adolescentes na face da terra. E por que?

Coitadinha, tinha a impressão de que augmentando a idade das demais, diminuia a sua.

Não se dará com você o mesmo caso? — Quem sabe se já não dobrou o cabo da bôa esperança, como diz o vulgo e sentindo-se infeliz com isso, quer magoar os outros com o mesmo espinho.

Yves, velho é quem quer ser e aquelle ou aquella que tiver sonhos em sua mente, não deve ser considerado como tal. Tendo já cumprido com a obrigação que lhe reservou o destino, a creatura por mais velha que seja sente-se feliz com a vida, porque, teve tambem ella a sua hora de amor, de cuja recordação continúa a viver.

Veja, eu com 80 invernos, cheia de netos, considero-me joven, amada e quasi bella e por que acha você que os de "quarenta" não podem ter esse direito?

Tivesse você amado verdadeiramente e seria o primeiro a reconhecer que a pessôa amada, mesmo velha aos olhos dos demais, é joven aos nossos.

Veja se termina, pois com essa mania que já está se tornando "coqueluche" e veja tambem, se perdoando a franqueza desta, consegue pôr em pratica os conselhos de sua tremula

Avósinha."

Muito bem. Depois disso, só encontro uma defesa. Sim, porque esmagado pelo peso dessa intelligencia, não é todo homem que se sente forte para defender-se.

Em todo caso, direi: é sabido que todo individuo possue duas idades distinctas: — a chronologica e a mental.

Pela sua carta, "Avózinha", cheguei á conclusão de que v. ex., chronologicamente, possúe 80 annos; porém, mentalmente, só conta, até agora, 8 annos duros e difficeis...

Gostou?

LEOPOLDINENSE (Minas) Ah! poeta! A sua carta é peor... que o soneto. Sim; ella traz uma emenda ao seu soneto; mas creia que o sr. só fez peorar a situação, visto como ella está vasada no mais puro cassange.

Leiamol-a:

"Amigo Yves — Saudações — Foi com espanto que deparei com o meu poema intitulado a "Ella" em uma das paginas do *Fon-Fon*, na sessão do "Saibam Todos" a vosso cargo. Não quero ser lison-

---

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.° — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.° — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3.° — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.° — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 10-1-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

A JOVEN DE ARGEL

(Conclusão)

Tinham-se passado, mais ou menos, vinte e cinco minutos, quando o mordomo se apresentou ao capitão para dizer-lhe que o chefe de policia estava a bordo e pedia para ser recebido.

— Indique-lhe o caminho de minha camara — respondeu-lhe o commandante.

O chefe de policia apresentou-se e parou um momento na porta, observando o que se passava no interior.

O capitão estava assentado á mesa, tendo á direita Germana e á esquerda Pedro. Em frente, encontrava-se uma garrafa de *champagne*, num balde com gelo.

— Chega precisamente a tempo para a saudação, senhor chefe — disse o capitão, jovialmente.

— Chego a tempo — disse, por sua vez, o chefe, tirando um formidavel documento do bolso — para exigir a entrega da senhorita Germana Smith, subdita franceza, residente em Argel.

Por unica resposta, Pedro encheu quatro copos e, offerecendo um ao chefe de policia, disse:

— Permitta-me, senhor, que lhe apresente minha esposa — e saudou Germana.

— Sua esposa!

— O capitão acaba, bondosamente, de casar-nos de accordo com as nossas leis. Se a ordem que traz o autoriza a prender a esposa legitima de um subdito britannico, em viagem para a India, com o fim de apresentar-se ao seu regimento, leve a effeito a prisão. Mas penso que a ordem, em cuja posse se encontra, não tem tanto alcance.

Teve que opinar assim tambem o chefe de policia, que se contentou em quebrar alguns copos, antes de ser conduzido para bordo da lancha a motor...

jeado; mas, quéro dar algumas explicações e saber outras; por isso é que venho a V. presença, pedir para retirar o nome de burro, que o snr. adoptou-me. Mas não é só; peço desde já, que retire o nome, e, não diga que estou precisando de um medico veterinario. No sonêto encontrei um erro não sei se foi meu, ou da visão, da parte de V. S. E', o "apupara" onde se lê "amparo". O mais dar o nome de "mulher" não quéro teimar com o amigo pois sei muito bem, que não és um simples "Yves". E sim, um dos maiores criticos brasileiros. No meu modo de pensar, éra que chamando uma donzella de mulhér, offendi-a.

Sem mais certo de que o amigo perdoou-me todas estas amolações firmo-vos com lealdade.

Leopoldinense.

Em todo caso, ella tem o merito de fazer rir até mesmo a um defunto. E quando o sr. affirma que chamar mulher a uma donzella era offendel-a. Pois então, que a chame homem. E o sr. entrará no céo, porque bemaventurados são os pobres de espirito... e delles será o reino do céo...

RINA (Capital) — Sim e não. Isto é, creio que me recordo de v. ex. Talvez seja uma joven que recebeu, certa occasião, uma prova de delicadeza de minha parte, juntamente com uma pergunta, que lhe fazia, deixando-me, até hoje, sem resposta... Não me surprehendi, porque estou habituado a receber... o silencio em troca de obsequios e amabilidades que faço. Era possivel, além do mais, que v. ex. me quizesse provar, de modo tão original, a sua gratidão...

E si, ao tentar recordar a sua loura figura de mulher, eu pergunto si não tenho razão de ligar uma idéa a outra... Por que? perguntará. Porque é v. ex. mesma quem escreve: "Depois deixei de importunal-o (oh! isso nunca!) e somente hoje, por um estranho capricho da alma, aqui estou..."

Agradeço-lhe e retribúo, effusivamente, os votos de bôas festas e felicidades que me envia.

Yves

VOLTAR

MEU amigo, eu voltei.

Trago insomnias longas nos meus olhos sem sombra, e a inquietação de todos os silencios dolorosos...

Voltar é precisamente vir de novo. E eu venho de novo, evidentemente, para o abrigo manso e macio de sua amizade.

Sua amizade foi uma sombra bôa, que eu encontrei na caminhada pela vida... Houve no meu destino uma arvore bonita, de ramos oscillantes e copados, que emprestava uma sombra mansa de resguardo e abrigo.

Nós, sonhadores, difficilmente nos contentamos. E foi por isso que eu sahi em peregrinações de emoção, e, porque eu gostasse de ver as nuvens a descoberto e de me envolver toda de sol nos dias de verão, estacionei tão pouco tempo na sombra amiga que o seu affecto me proporcionava.

Sahi, tonta, a descobrir atalhos, veredas, caminhos juncados de umas flores tão venenosas de se cheirar, e, apesar de meus olhos terem pousado em tão variadas paizagens de contraste, eu nunca mais, evidentemente, descansei...

E tenho andado sempre, e estou cansada porque não encontro um pouso amigo, em que descanse essa minha alma bohemia e sonhadora...

Um pouso em que ella espalme, docemente, todas as recordações e as esperanças todas de que a vida juncou os atalhos de sua caminhada...; E, por tudo isso, meu amigo, eu volto. A mesma impenitente, a travessa andorinha que você não comprehendia na altura sinuosa dos võos — a abrigar-se na sombra amiga de sua amizade...

Trago nos olhos uns restos de tragedia que eu colleccionei de todas as historias que me contaram, mas, de presente para você, meu bom amigo, como uma lembrança da minha longa caminhada sem pouso, eu levo um tão pratico montão de experiencia, que talvez seja o desencanto todo de sua sombra amiga e de meu sonho de repouso...

Alba Regina.

Nas Creanças, a tosse é um mal quasi que permanente. Sejam sadias ou doentes, as creanças não escapam á visita frequente da tosse. E o "Bromil" na tosse das creanças, é de um effeito admiravel, bem como na coqueluche, cujos accessos cédem rapidamente ao poderoso xarope.

Para os Velhos, o "Bromil" é uma protecção providencial: combate a chamada Tosse dos Velhos e, acalmando os accessos que se manifestam de preferencia á noite, permitte ás pessoas de edade o beneficio de poderem dormir tranquillamente.

TOSSE ? BROMIL

ANNO XXV — FON-FON — NUMERO 2

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1931

O Dominio da Fatalidade

C'EST que nous nous plaisons á nommer "fatalité" est une force créée par les hommes...

Cerro as paginas consoladoras de *La Sagesse et la Destinée*, de Maeterlinck, para entregar-me á meditação daquelle seu conceito sobre a fatalidade.

E faço da minha propria vida — uma pobre vida rudemente trabalhada por não sei que estranhas e mysteriosas influencias — o torturado "sujet" dessa perquirição interior com que meu espirito inquieto busca apprehender e fixar, nas suas verdadeiras fronteiras, o largo, dilatado, indefinido e immenso dominio da fatalidade no destino humano.

A' sua occulta e presaga influencia; ao incoercivel, inelutavel poder dessa especie de "razão" céga e nefasta que distende, de vez em vez, a asa sombria de seus máus augurios sobre uma vida que ella "marcou", curvase, estarrecida, a humanidade.

Fatalidade!

Estranhos, inquietadores, crueis e impiedosos são os designios que te emprestam os homens, — esquecidos de que nada mais és do que o éco surdo e profundo de todos os gritos de desejo insatisfeito, de todos os clamores de angustia e de soffrimento, de todas as ansiedades e inquietações espalhadas na terra pela contingencia mesma da vida.

Lá fóra, o olho, quente de caricia, do sol, derrama sobre a cidade a sua festa de luz.

Vida. Destino. Fatalidade...

E eu fico a pensar na linda e suave "fatalidade" verde de uns olhos cheios de esperança e de promessas, que me prenderam, doidamente, ao irresistivel poder da sua fascinação e encantamento.

Porque, fatalidade, só conheço a do amor: só a das almas e dos corações que se defrontaram, um dia, sem se comprehender ou que, comprehendendo-se, marcham, lado a lado, pela estrada longa e áspera da vida, como duas parallelas que nunca se encontrarão.

Volto a ler Maeterlinck, já que, no meu devaneio amoroso, perdi o fio de Ariadne com que ia traçar limites ao dominio do inelutavel, ao incoercivel poder da fatalidade — a invisivel e temida inimiga da humanidade.

Nous aurons singulièrement affermi notre securité, notre paix et notre bonheur, le jour où notre ignorance et notre indolence auront cessé d'appeler "fatal" tout ce que notre énergie et notre intelligence auraient du appeler naturel et humain.

Uma simples coisa, "natural e humana", essa pobre e temida sombra — reflexo da contingencia mesma da vida — que a nossa "ignorancia e a nossa indolencia" baptizaram com o malsinado nome de "fatalidade..."

ELCIAS LOPES

Revestiu-se de rara imponencia e brilhantismo a solemne recepção que o chefe do governo provisorio da Republica, sr. Getulio Vargas, offereceu, no palacio do Cattete, ao corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado, commemorando a data de 1º de janeiro, consagrada á confraternização dos povos. Nos sumptuosos salões do palacio do governo, reuniram-se, assim, na penultima quinta-feira, todas as grandes figuras dos circulos diplomaticos desta capital, emprestando um cunho de austera e brilhante imponencia á primeira recepção official do novo anno, que, no seu inicio, marcou aquelle grande acontecimento social.

Fixamos, nesta pagina, dois aspectos da solenne recepção de 1.º de Janeiro, no palacio do Cattete; o primeiro, colhido na occasião em que o presidente Getulio Vargas lia o seu discurso de agradecimento á saudação dirigida ao governo brasileiro, em nome do corpo diplomatico estrangeiro, pelo venerando núncio apostolico, monsenhor Aloisi Masella; o outro, focalizando os illustres diplomatas que nella tomaram parte, em pose especial para «FON-FON»

MEDITAÇÕES

Não se deve crer naquelle que facilmente promette muitas coisas ao mesmo tempo, porque facilmente deixa de cumprir a sua palavra.

•

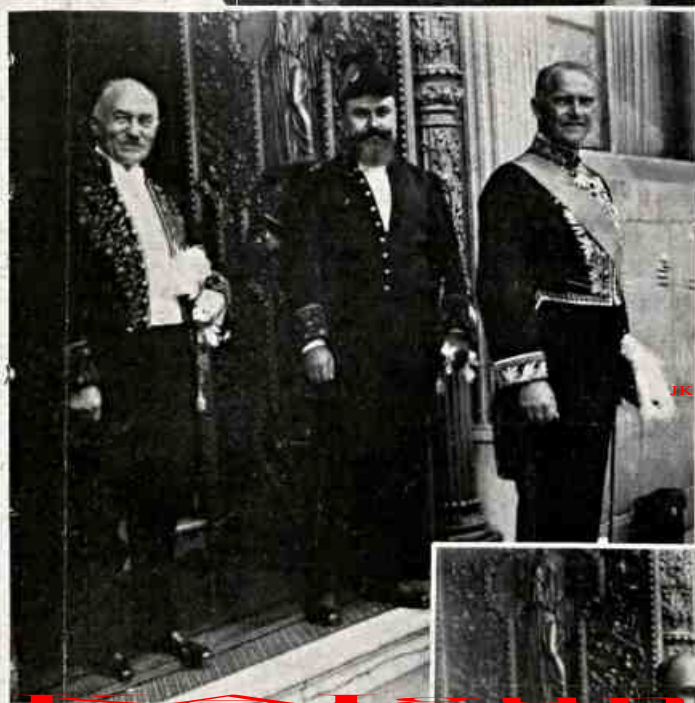
Signal notorio da malignidade de um homem, é que tenha propensão para contradizer.

MAZARINO

Sabedoria

Odiamos sempre o que tem os mesmos defeitos que nós temos, porque nos parece que os desacredita. — *Jacinto Benavente*.

•

A intelligencia!... Que coisa tão pequena na superficie de nós mesmos. — *Maurice Barrés*.

Alguns flagrantes da recepção que o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, offereceu, a 1.º do corrente, ao corpo diplomatico estrangeiro acreditado em nosso paiz.

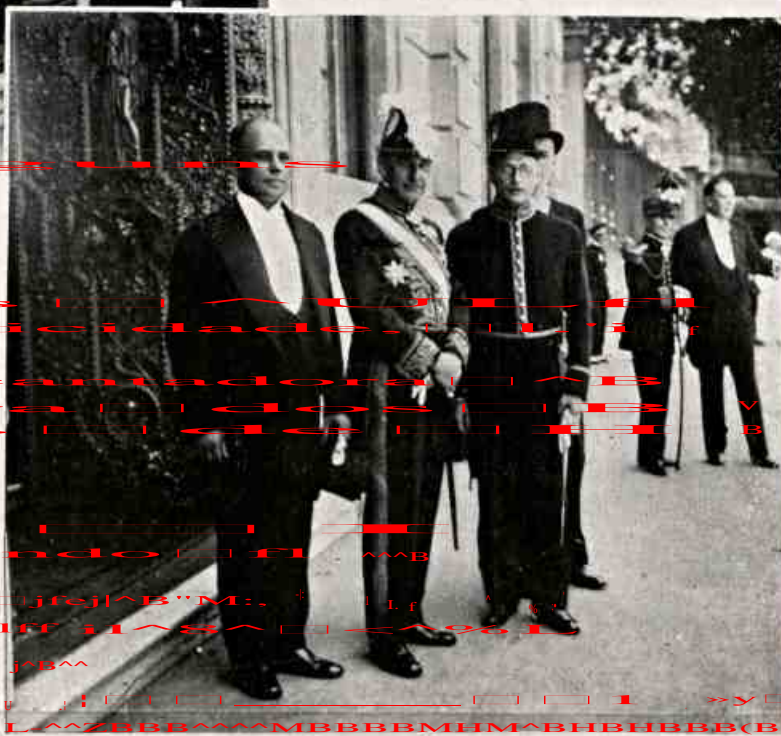
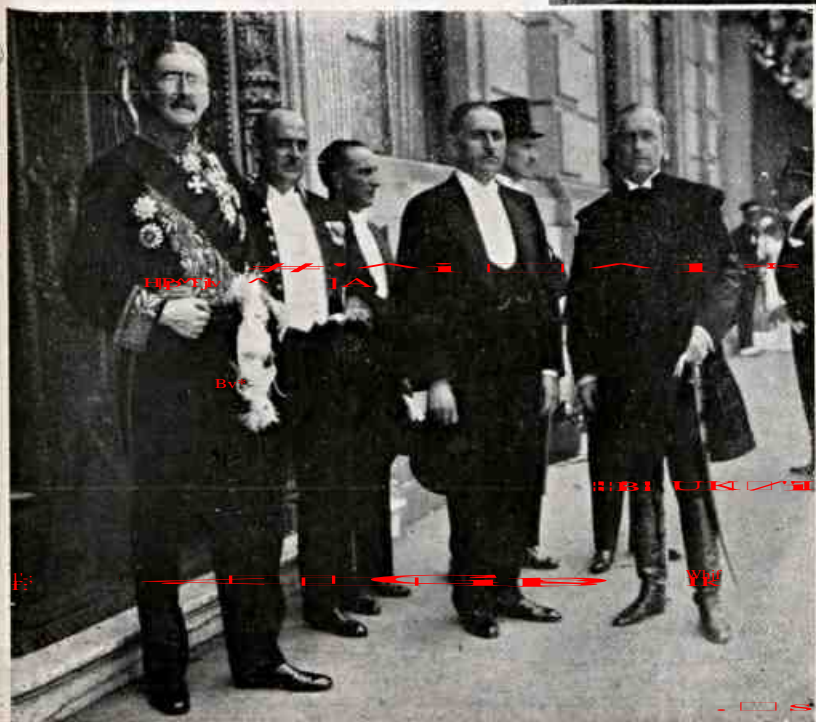
ROMANCE

Foste um dia o meu sonho. Bailavas na minha imaginação, fascinadora e linda como a felicidade, e fugitiva como a fantasia.

E amei em ti a fada encantadora que havia de vir, para delicia dos meus olhos e alegria de minh'alma.

*

Foste um dia o meu desejo. Vivias sorrindo e cantando canções repassadas de ternura, como um rouxinol mavioso, prisioneiro do meu coração.

E amei em ti a musa ideal para a minha inspiração de poeta, ansioso de concretizar em verso a poesia maravilhosa do teu olhar

Instantaneos de alguns dos diplomatas estrangeiros que foram recebidos, quinta-feira penultima, 1.º do corrente, pelo presidente Getulio Vargas, no palacio Cattete.

feiticeiro, o perfume suavissimo do teu beijo.

*

Foste um dia a minha felicidade. E moravas na minh'alma e inundavas de encanto e deslumbramento a minha vida.

E amei em ti o divino egoismo do meu amôr e a fulguração magnifica da tua belleza.

*

Foste um dia a minha desventura. E vives, como uma sombra do passado, na minha saudade dolorosa, tristonha, immensa...

E amo em ti a lembrança do perfume inebriante do teu beijo, da graça luminosa do teu sorriso, da luz arrebatadora do teu olhar...

MATTOS ALÊM

Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, esteve, no primeiro dia do anno, no palacio Guanabara, em visita ao dr. Getulio Vargas, afim de apresentar-lhe a expressão dos seus votos e dos votos da Egreja Catholica Brasileira pela felicidade pessoal de s. ex. e do governo da Republica. A photographia acima fixa um detalhe dessa visita.

SOUCER - GYPANO

(HERMES-FONTES)

Já lá vão quasi trinta annos.

Em um sobrado da antiga rua da Assembléa, rua tortuosa, estreita e mal calçada, havia uma sala com algumas mesas e cadeiras modestas, um balcão, duas janellas abrindo-se para um vão da claraboia e das quaes se viam, em baixo, as machinas da typographia Altina... Puxado pela mão do caricaturista F. Cruz, démos entrada na redacção do "Tagarella", onde Peres Junior e seu irmão Joaquim Peres, auxiliados por Augusto Rocha, Raul, Calixto e outros veteranos, recebiam os "néos" e lhes abriam as portas da publicidade.

Alli, encontrei J. Carlos, que sacudia as azas implumes para o grande remigio glorioso; alli encontrei Henrique Puysegur, Alfredo Ford e tantos outros "néos" de então.

Foi alli que conheci o menino que assignava versos humoristicos com o pseudonymo de "Soucer-Gypano" e que, dentro em pouco, como J. Carlos, alçaria o vôo para muito alto, deixando-nos cá em baixo, quedos e mudos a admirar-lhe a ascensão.

Hermes-Fontes, o Hermes, esse homemzinho, franzino a quem a natureza só déra cerebro e nervos, esse menino de

O dr. Getulio Vargas tambem recebeu, a primeiro do corrente, os jornalistas que trabalham junto ao palacio do Cattete, e que foram apresentar a s. ex. os seus cumprimentos de Anno Bom.

dezoito annos então, era já o mesmo poeta, o mesmo homem, a mesma figura, o mesmo temperamento, a mesma intelligencia que creou "Apotheoses" e "Lampada Vellada".

Entrar para a Academia de Letras já era então o seu sonho.

Depois do desapparecimento do jornal de Peres Junior, fragmentou-se o blóco dos "neo-humoristas"; uns morreram, como F. Cruz e Puysegur, outros tomaram rumos diversos, e apenas J. Carlos e Hermes nunca desappareceram da imprensa.

Nunca mais procurei qualquer dos outros, mas fiquei sempre em contacto com Hermes por intermedio dos seus versos espontaneos, das suas modinhas modernizadas.

Hoje, ao vêl-o tombar para sempre no fim de uma existencia tão curta e tão cheia de desenganos, sinto uma grande dôr e uma grande saudade, saudade que me transporta aos tempos em que elle, como todos nós, juntos alli na sala do "Tagarela", sonhavamos com um futuro roseo, que, afinal, não vimos.

Vivi vinte e seis longos annos sem procurar jamais reencetar a camaradagem que fizéra com o poeta, limitando-me a, de cá de baixo, admiral-o como sempre.

Hoje, sinto-me no dever de dizer-lhe, aqui, que jamais o abandonei, jamais deixei de admiral-o e de querer-lhe bem e peço á sua alma de poeta que permitta que, sobre a pedra da sua tumba, eu deixe cahir a minha lagrima quasi anonyma, lagrima de amigo occulto, lagrima sentida, verdadeira e pura.

Eugenio Rio

Em retribuição á visita com que o distinguiu, no dia do Anno Bom, o cardeal d. Sebastião Leme, o chefe do governo provisorio da Republica foi, pessoalmente, acompanhado de membros da sua casa militar, levar seus cumprimentos ao venerando principe da Egreja catholica, que o recebeu no palacio S. Joaquim, onde o dr. Getulio Vargas se demorou em cordial palestra com sua eminencia. A nossa pagina mostra o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro e o chefe do governo provisorio da Republica, por occasião dessa expressiva visita de cortezia.

FAIANÇAS

A Lei de Manú

Ha dias, falando a uma das minhas amigas, a respeito de um livro sobre a India, que recebera de presente, pelo Natal, ella manifestou o seu pavor pelos costumes bizarros dos hindús.

Na verdade, uma occidental nunca poderia adaptar-se aos habitos de uma raça que della está separada pelo sentimento religioso, pela politica e pela moral

Basta accentuar que o brahmanismo não perdôa, por exemplo, que um principe despose uma princeza christã. Mesmo que esta se converta á religião de Brahma, continuará a ser vista com maus olhos pelo povo, pois ninguem esquece que ella, antes, "comera carne de boi e de vacca", animaes que, na India, são sagrados.

Dahi a impossibilidade de uma fusão do Occidente com aquella parte de Oriente. E, portanto, jamais uma mulher latina ou mesmo de qualquer outra parte do mundo, poderia comprehender a razão dos costumes hindús.

Veja-se mais.

Na India, a situação da mulher é regulada pelo antigo codigo theocratico dos brahmanes, denominado: a *Lei de Manú*.

Segundo esse catechismo religioso, moral e civico, a mulher "deve estar sempre de bom humor, conduzir com habilidade os assumptos de sua casa, ter grande cuidado com os utensilios do lar e na preparação dos alimentos, e saber procurar o bem-estar do seu marido, gastando o menos possivel".

Mais ainda:

"A mulher infiel ao seu marido é condemnada á ignominia, durante toda a sua vida". (Entre parenthesis: no Occidente, o esposo é quem soffre a ignominia).

Quando o marido morre, a viuva deve cortar os cabellos e enfraquecer voluntariamente o seu corpo, não se nutrindo senão com flores e fructos puros; jamais deverá pronunciar sequer o nome de outro homem...

Os senhores bem vêem que as mulheres occidentaes jamais poderiam comprehender os habitos e os sentimentos da raça hindú.

Dão muito trabalho, não é? E não têm nada de engraçados...

NOIVADO DE PRINCIPES

Os casamentos principescos nos suggerem, quasi sempre, os romances que vivem nos contos de Perrault e onde ha uma fada que une o destino de um principe encantador ao de uma formosa princeza. E ainda agora é o que nos traz á imaginação esse bello par de noivos fidalgos que se vão unir pelo matrimonio. Porque a princezinha é linda como a bella adormecida do bosque; e o «principe» é verdadeiramente «charmant». A noiva é a princeza Isabel, filha do principe d. Pedro de Orléans e Bragança; o noivo é o seu primo, o principe Henri d'Orléans, conde de Paris, filho do duque de Guise, pretendente á corôa real da França e chefe da Casa de Orléans.

Tedio

Sabbado.

Lá fóra, o dia corre monotono. Enrola-se todo em penumbras. Que dia feio! A propria physionomia da cidade é feia e desolada.

Aqui nesta sala de redacção, onde as lampadas ardendo, numa orgia, fazem pensar nas naves das capellas, nos dias de festa, o dia triste e chuvoso derramou um pouco de sombra e melancolia.

Estou só. E como a minha vida é escrever, deixo a penna correr sobre a face lisa do papel, alinhando palavras.

Palavras! Lembro o personagem de Shakespeare: "Words, words, words"... Mas é ainda enchendo a vida de palavras — illusões, sonhos, esperanças — que conseguimos tornal-a menos aspera, menos rude, menos desesperante.

E por falar em desesperante, noto, agora, que este sabbado vae decorrendo, amargamente, para mim.

Olho em torno, e tudo me offerece uma feição de coisas desagradaveis e crueis.

Alongo os olhos sobre o passado numa dolencia resignada, e vejo que perdi todos os meus mais bellos sonhos. Todos os meus affectos mentiram!

Oh! como as mulheres são barbaras, são ferozes, são insensivelmente perversas!

Aqui, a esta altura, encontro razões sobejas para dizer como François Porché:

"Encore si le coeur était seul á souffrir!"

Sim. Não é só o meu coração que soffre neste sabbado cheio de melancolia e de brumas: soffro, tambem, uma tempestade de desejos... Desejos impossiveis!

Ah! si eu fosse millionario!

Yves

No Hippodromo da Gavea

Uma tarde maravilhosa, sob todos os aspectos, foi a que decorreu domingo ultimo, no hippodromo da Gavea, e que deu inicio á temporada turfista do corrente anno. Reuniu-se nas tribunas do Jockey-Club o que o Rio possúe de mais elegante na sua vida social, reinando uma grande animação durante as corridas, numa das quaes se realizou a disputa do premio «Presidente Getulio Vargas», em homenagem ao chefe do governo provisorio. Além do nosso alto mundo, compareceram pessoalmente ao brilhante «meeting» o dr. Getulio Vargas, o interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, ministros de Estado, corpo diplomatico e outras altas autoridades. Na gravura que estampamos nesta pagina destaca-se o perfil de mme. Getulio Vargas, no momento em que chegava áquelle prado, pelo braço do dr. Fernando de Magalhães, vice-presidente do Jockey Club. No grupo do alto, apparece o chefe do governo provisorio.

A entrada do anno foi rutilantemente festejada nos salões do Fluminense F. C., onde se realizou, na noite de 31 de dezembro, um reveillon que decorreu animado e cheio de brilho mundano.

POEMA TRISTE

Por que andas triste e taciturna? Que magoa tens, dorida e amargurada, em tua alma de creança? Que é feito, meu amôr, do antigo brilho que nos teus lábios sangrentos: era um um canto de luz, de carinho e de sonho?...

E o teu sorriso meigo, cheio de encanto e de poesia, já não floresce mais nos teus lábios sangrentos: era botão de rosa — espetalou-se...

E o teu olhar é sombra, e o teu sorriso é névoa: vejo um fundo desgosto espelhado em teus olhos. Vejo tristeza e vejo dôr e soffrimento. Vejo ameaças de pranto em tuas scismas longas. Vejo uma queixa muda em teu silencio.

Mas a minh'alma angustiada, numa agonia, em desespero, soffre bem mais do que tu soffres.

Porque soffro por mim, porque soffro por ti. Porque o amôr, que nas-

O Club Nacional escolheu a ultima noite do anno para inaugurar a sua séde, no edificio Odeon. E, para solennizar esse acontecimento, offereceu aos seus associados uma festa que foi, ao mesmo tempo, uma linda commemoração de Anno Bom.

Tambem o Botafogo Football Club commemorou festivamente a passagem do anno, offerendo um deslumbrante baile á fina sociedade que frequenta o palacio da praça Juliano Moreira.

...eu neste coração triste, nunca mais feriu..., nunca mais, nem de leve, esmoreceu, ó bella estrella que brilhaste em minha vida, mais do que todas as constellações!...

E nunca mais quizeste ouvir a minha voz. Si fui culpado, não me perdoaste. Veio a desgraça — e não me consolaste. Pois só o amôr seria o lenitivo para quem vive a padecer de amôr.

E o teu amôr... O teu amôr morrau...

Sei que padeces. Mas escuta e perdôa:

Eu quizera, meu anjo, que essa tortura que tanto te magoa — quizera que esse soffrimento fosse por minha causa. Porque tenho a certeza, minha amiga, de que o meu grande amôr, em breve tempo, mudaria em sorrisos o teu pranto, tornaria em ventura a tua dôr...

MATTOS ALÉM

Um detalhe do reveillon de 31 de dezembro nos salões do Botafogo F. C. Grupo em que apparecem algumas figuras femininas que deram realce a essa brilhante festa do «grand-monde» carioca.

A Guerra de Artigas

de Gustavo Barrozo

O apparecimento de mais um livro de Gustavo Barrozo dispensa, certamente, este commentario. O illustre escriptor que, diga-se de passagem, não é como muitos dos seus pares na Academia de Letras — rótulos, puros medalhões, intelligencias fossilizadas e improductivas — já legou ás letras nacionaes cerca de cincoenta obras. E todas ellas diversas, — não só pelo assumpto como pelo genero.

Vemos assim em Gustavo Barrozo uma personalidade complexa: o sociologo, o folke-lorista, (e isso por excellencia) o *conteur*, o novellista, o historiador, o ensaista, o chronista, o pedagogo, o jornalista.

Convenhamos em que não é facil encontrar um homem de letras e, particularmente, um academico, reunindo tantas qualidades, a um só tempo.

E curioso é que, em qualquer desses generos, Gustavo Barrozo consegue sempre o relevo de um mestre.

Encontram-se, na literatura franceza, um Maeterlinck scientista, philosopho e poeta; um Anatole France philosopho e romancista; um Henry Bordeaux romancista, critico e memorialista; um Bataille poeta e dramaturgo. Todos notaveis, é certo. Mas quantos Gustavo Barrozo se nos deparam nas letras francezas, ou em qualquer outra literatura? (Cito de preferencia as primeiras, porque são ellas que illuminam o mundo. Indiscutivelmente.)

E' bem de vêr, por ahi, que o nosso eminente companheiro não necessita de *réclame*. E muito menos uma *réclame* feita por um dos seus mais apagados admiradores.

O nosso querido companheiro Gustavo Barrozo, illustre redactor-chefe de «FON-FON» e membro eminente da Academia Brasileira de Letras, acaba de publicar mais um livro — «A Guerra de Artigas» — com o qual completa o 41.º volume da sua notavel bagagem literaria. A proposito dessa nova e interessante obra de Gustavo Barrozo, — a quinta da série sobre as guerras do Prata, — Bastos Portella, tambem nosso distincto companheiro, firma a brilhante pagina que offerecemos aos nossos leitores e que põe em destaque a individualidade literaria do autor, fixando os meritos de seu ultimo livro.

Mas é que tenho uma divida de gratidão para com Gustavo Barrozo: — agradecer-lhe em publico o prazer espiritual que me proporcionou com o seu ultimo livro, — um "vient de paraitre": *A Guerra de Artigas*.

Em capitulos breves, que decorrem num estylo claro, trepidante e fogoso, — apesar da sua simplicidade — Gustavo Barrozo nos relata os episodios mais impressionantes, que tivemos de sustentar contra o chefe da Banda Oriental.

O trabalho insano que o autor da *Terra de Sol* teve de emprehender — o arduo labor de pesquizar archivos, investigar, reunir dados e systematizar, pacientemente, o que leu e compilou — o seu trabalho, dizia, foi, de certo, bem compensado com esse volume precioso, que, sobre ser uma obra literaria, de documentação historica, constitue, ao mesmo tempo, um excellente livro de recreação para o espirito.

São paginas que se lêem com um vivo interesse, que se torna maior com o avançar da leitura.

Um exemplo? Os capitulos *A libertação de S. Borja*, *Os "barrigas-verdes"*, *O vencido de Caruambé*... Emfim, não é possivel assignalar qual delles é o mais empolgante.

Não tenho duvidas quanto ao successo a que está destinado *A Guerra de Artigas*. Como *A Guerra do Lopes*, *A Guerra do Flores* e todos os que figuram nessa série, *A Guerra de Artigas* será disputada, como já está sendo, por aquelles que amam os nossos bons escriptores.

BASTOS PORTELLA

Em acção de graças pelo regresso do dr. Epitacio Pessôa e sua exma. familia, celebrou-se no ultimo sabbado, na Cathedral Metropolitana, uma missa solemne, que teve a presença de altas autoridades e figuras de destaque nos nossos circulos sociaes. Officiou na cerimonia religiosa o conego dr. Alberto Nogueira, do Cabido Metropolitano. O casal Epitacio Pessôa foi muito cumprimentado ao chegar áquelle templo catholico, tendo sido entregue nessa occasião, ao ex-presidente da Republica, um rico pergaminho com artisticas illuminuras, — homenagem dos seus amigos e admiradores.

FILIGRANAS

O homem caminhava acurvado ao peso duma preoccupação ou duma tristeza. Era um velho de sessenta annos, mal vestido e mal cuidado. O chapéo, sebento. As botas, cambadas. O collarinho, tarjado de luto. E as mãos sumidas nos fundos bolsos do casacão enxovalhado.

— Gobseck! exclamou o amigo que me acompanhava.

— O papá Goriot! disse eu.

E ambos, sem trocar uma palavra, seguimos o nosso rumo, pensando em como, na rua, pela apparencia, se póde confundir a avareza, a usura, com o amor e a dedicação.

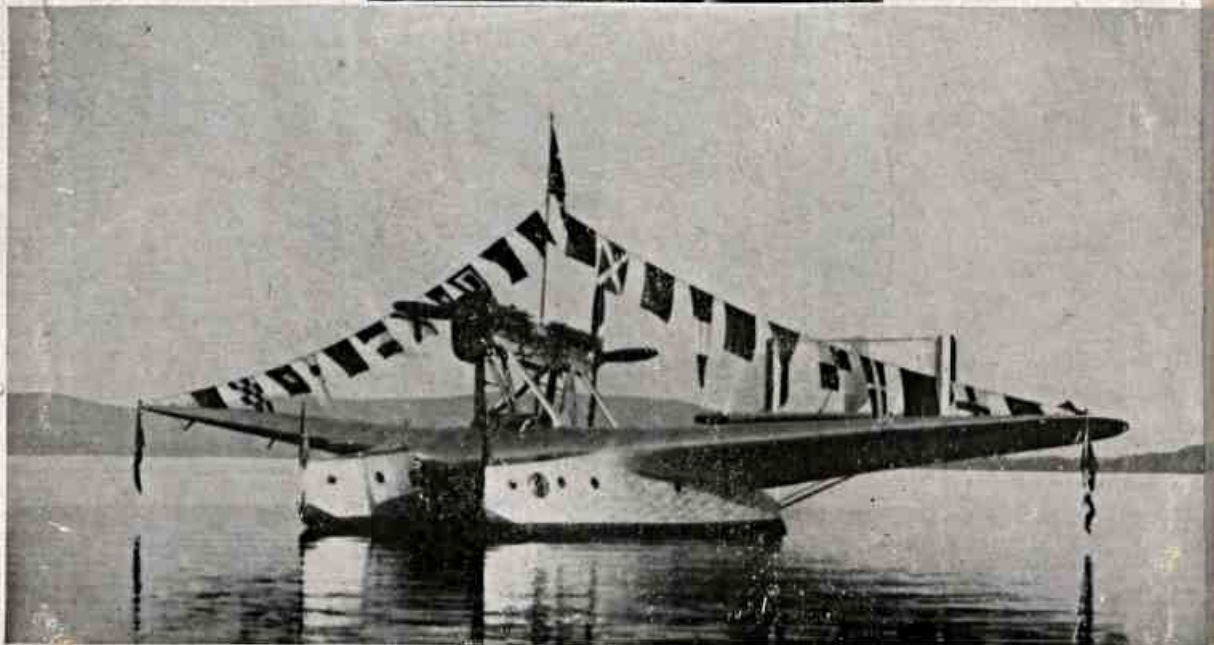
O Cruzeiro Aereo da Italia

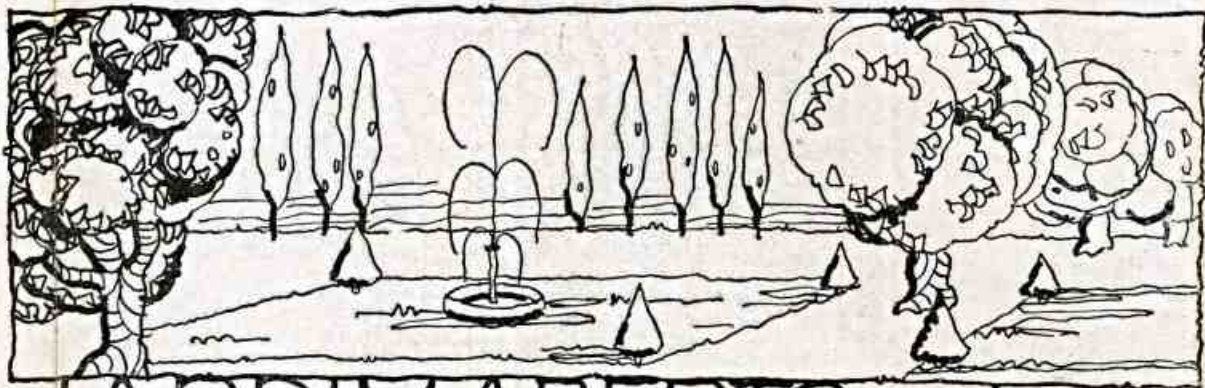
NUM cruzeiro, que é um attestado eloquente da intrepidez de uma raça forte, quiz a Italia gloriosa enviar-nos uma esquadrilha de aviões, — mensageiros do sentimento de cordialidade que une as duas patrias amigas.

Affeitas aos arrojos dos vôos transatlanticos, as azas italianas, que, neste momento, pousam sob os céos brasileiros, symbolizam o despertar das energias latinas, congraçadas, num só anseio de paz, de civilização e progresso. E a nós, filhos de um grandioso paiz, que tem o seu logar de destaque, nesta parte do continente americano, é grato assignalar essa visita, que tanto nos desvanece e enche de justificavel orgulho. E' que, ao presenciar esse espectaculo de patriotismo e empolgante bravura, dos titans italianos, — cruzando os céos, num surto epopeico, sobre as azas das suas possantes aeronaves — exultamos de salutar alegria, pois chegam elles, até nós, no preciso momento em que lhes podemos offerecer, com a Republica Nova, identico espectaculo de fé nos destinos da nossa patria, e de um alto ideal de civilização e grandeza. Por tudo isso, estamos convictos de que os audazes embaixadores da italianidade hão de sentir, entre nós, os anseios da indissoluvel amizade e sympathia crescente, cujos laços vinculam, dia a dia, os dois povos amigos.

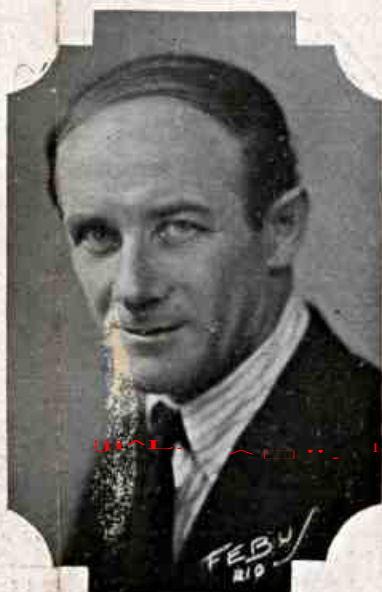
Bemvindos sejam, pois, os "azes" italianos ás plagas do Cruzeiro do Sul!

* * *

Prestando uma homenagem á Italia Nova, na hora em que as suas azas gloriosas, arfantes da viagem épico, descançam em nossa terra, offerecemos, nesta pagina, a figura impressionante de Mussolini, numa das suas attitudes de saudação fascista, e o perfil de um dos magestosos apparelhos que compõem a esquadrilha aerea, commandada pelo general Italo Balbo.

As principaes figuras do empolgante «raid» italiano ao Brasil. Ao alto, o general Italo Balbo, ministro da Aeronautica da Italia, e commandante da esquadrilha. No medalhão: o general Giuseppe Valle, chefe do estado maior da Aeronautica italiana. Ao centro: á direita, o capitão Stefano Cagna, e, á esquerda, o tenente-coronel Umberto Maddalena.

OS PILOTOS ITALIANOS
DA ESQUADRILHA
BALBO
Major Ulisse Longo
Capitão Alfredo Agnesi
Tenente Luigi Gallo
Tenente Alessandro Vercelloni
Capitão Baistrocchi
Capitão Giuseppe Marini
Tenente Silvio Napoli
Tenente Leone Leonello
Capitão Alessandro Miglia
Capitão Guido Bonini
Capitão Attilio Draghelli
Tenente Danilo Barbicinti
Tenente Letterio Cannistraci
Tenente Renato Abbriata
Capitão Attilio Biseo
Capitão Luigi Boer
Capitão Enea Silvio Recagno
Tenente Jacopo Calo Carducci
Tenente Fausto Cecconi
Sargento M. Ireneo Moretti

JARDIM ABERTO, D. Jayme

ANECDOTARIO

AUTORES

Carlos Maul, nosso illustre confrade de imprensa e festejado escriptor, é uma das mais vigorosas expressões da nossa élite intellectual. Assim, a noticia do breve apparecimento de uma nova obra do apreciado homem de letras é, sempre, divulgada e acolhida gratamente. «Diálogos, conferencias e outras prosas» — é o titulo do novo livro de Carlos Maul, linda edição portugueza a ser exposta brevemente nas vitrines das livrarias desta capital. E' um trabalho de cultura, de palpitante actualidade, em que o autor aborda vários themas sociaes, ferindo as questões mais relevantes que agitam a humanidade, neste momento. Os problemas moraes do mundo contemporâneo não fogem, também, á critica, não raro irônica ou tocada de scepticismo, de Carlos Maul. Do seu novo trabalho, destacamos os seguintes ensaios: «S. Francisco de Assis, poeta»; «Anatole France», «A' sombra do Quixote» e o «Dialogo da Guerra».

SCENA CONJUGAL

Ella — *Eu sou a mais infeliz de todas as mulheres!*

Elle — ?!

Ella — *Tu nem te importas comigo!*

Elle — ?!!!

Ella — *Tenho certeza que me enganas!*

Elle — ?!!!!

Ella — *Vou voltar para a casa de meus paes!*

Batem de repente á porta. Ella abre. E' o empregado da modista com vários embrulhos.

Ella — *Oh! meu maridinho do coração, a costureira mandou o vestido para o reveillon de Natal...*

SINITE PARVULOS

— *E' verdade, mamãe, que eu nasci no Rio de Janeiro?*

— *Sim, bemzinho.*

— *E tu, onde nasceste?*

— *Em S. Paulo.*

— *E papae?*

— *No Amazonas.*

— *E' curioso que, tendo nascido tão longe uns dos outros, nós nos reunissemos, não achas, mamãe?*

ESPERTEZA

— *João, que fizeste da carta que estava sobre a minha mesa?*

— *Pus no correio.*

— *Ora! não viste que estava sem endereço?*

— *Vi, sim, patrão, mas pensei que fôsse de proposito para eu não saber a quem o senhor escrevia.*

MORDEDOR E MORDIDO...

— *Meu caro amigo, que felicidade encontral-o! Mudei de roupa em casa, antes de sahir, e esqueci a carteira. Como tenho algumas compras que fazer, empresta-me cem mil reis.*

— *E' impossivel, meu velho! Toma quatrocentos reis, apanha o bonde de Ipanema e vae buscar a carteira...*

LIÇÃO DE COUSAS

— *Menina Alice, que é um corpo transparente?*

— *E' um corpo atravez do qual se póde vêr.*

— *Dê-me um exemplo.*

— *Uma fechadura.*

MORTE HORRIVEL...

— *Juras que elle, coitado! se viu morrer?*

— *Naturalmente.*

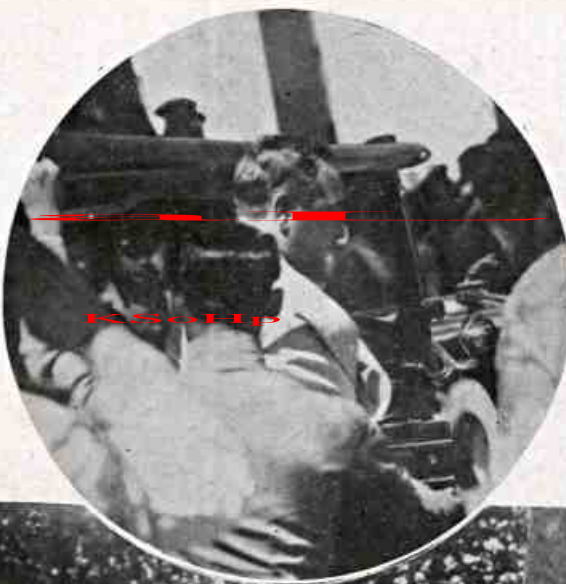
— *Por que?*

— *Havia um grande espelho deante de sua cama...*

AUTORES

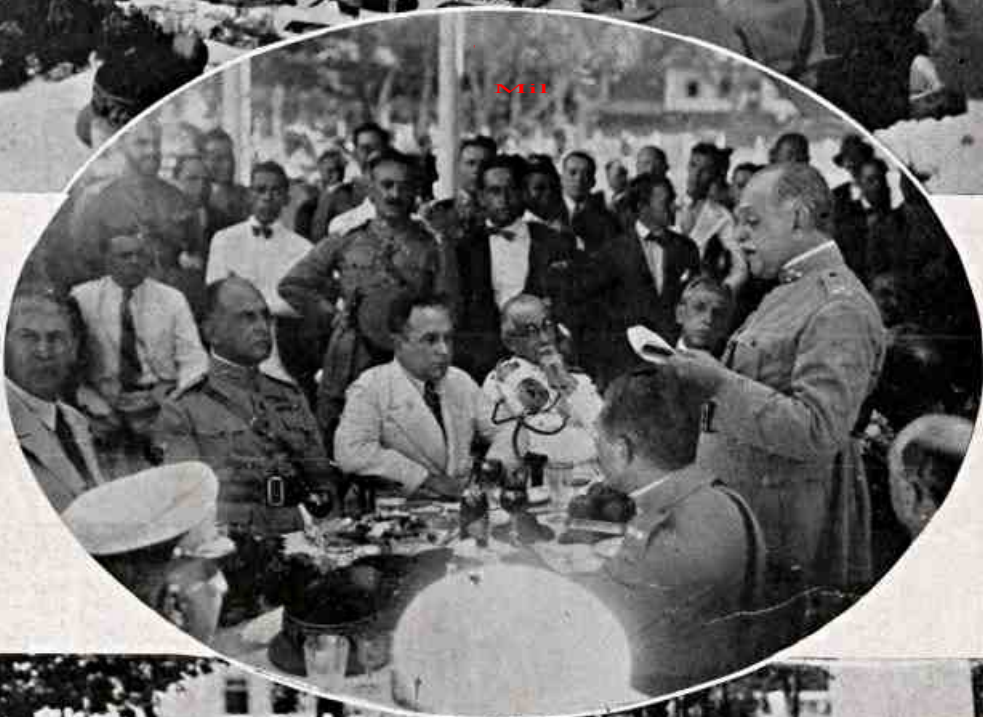
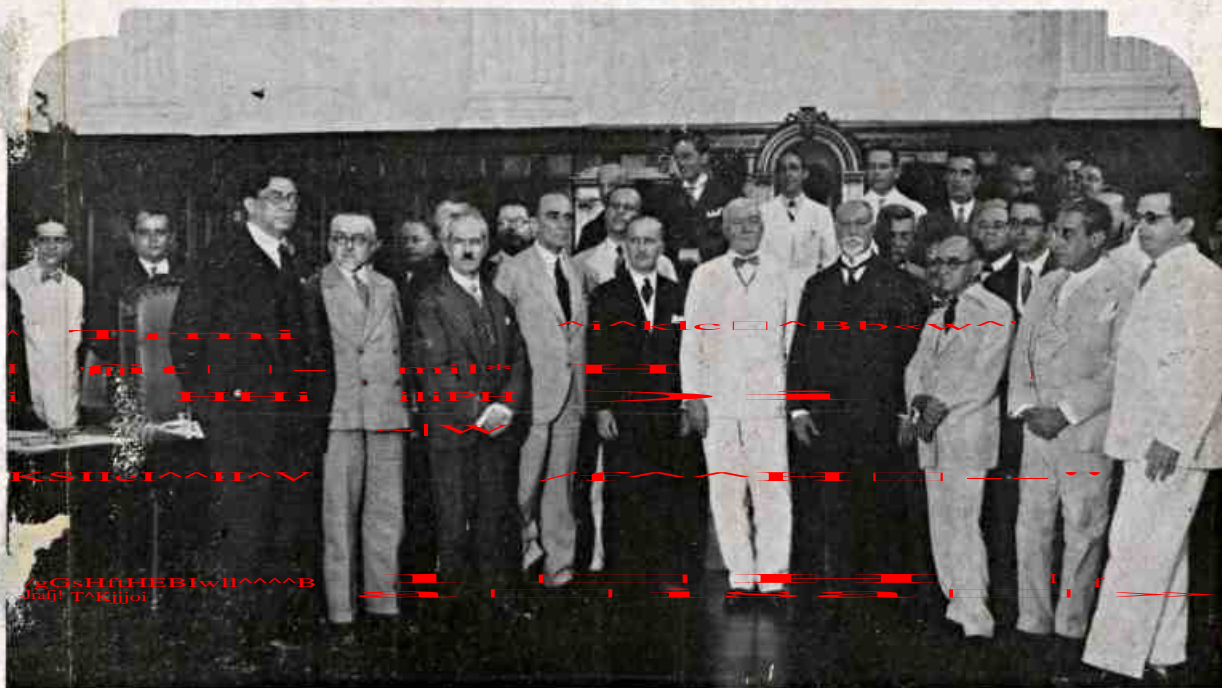
O sr. Victor Alves, da Academia Carioca de Letras, escreveu sobre o momento politico nacional um livro a que deu o titulo de «Oswaldo Aranha e Juarez Tavora» — os generaes da Revolução. Em torno dessas grandes figuras do Brasil de hoje, o escriptor Victor Alves traça algumas fortes paginas de commentario e de analyse, repletas de intelligencia e de observação e reveladoras da incontestavel capacidade literaria do seu distincto e festejado autor. O livro de Victor Alves traz um brilhante prefacio de Othon Costa.

O Almoço dos Militares

Foi uma verdadeira festa de congraçamento, realçada por um nobre espirito de cordialidade, o grande almoço em que se reuniram, sexta-feira penultima, na fortaleza de São João, os nossos officiaes de terra e mar. Presidiu a essa reunião de confraternidade e concordia das forças armadas nacionaes, o dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio e figura central do imponente banquete, cuja finalidade principal foi fixar, naquelle ambiente de intensa cordialidade, uma expressiva demonstração de devotamento ao Brasil Novo e de confiança nos destinos que o aguardam,

ali prestada, na tocante simplicidade de um agape de camaradagem, pelos soldados da Patria.

* * *

Esta pagina focaliza varios aspectos do que foi o banquete, ao ar livre, da fortaleza de S. João, vendo-se, no medalhão, o doutor Getulio Vargas ao chegar áquella praça de guerra; no centro, s. excia., cercado de officiaes, dirigindo-se para o local da festa; em baixo, á esquerda, o chefe do governo provisorio, ao ser cumprimentado pelos srs. ministro da Guerra e da Marinha e, á direita, o general Leite de Castro, ministro da Guerra, ao apertar a mão, cordialmente, ao seu collega da Marinha, almirante Conrado Heck.

Novos flagrantes do grande almoço de congraçamento das classes armadas, em que se vêem o chefe do governo provisorio e o general Tasso Fragoso lendo os discursos de cordialidade ali trocados, e o dr. Getulio Vargas entre alguns dos militares presentes. Na pagina ao lado, estampamos um aspecto geral do banquete.

O desembargador Nabuco de Abreu, presidente da Côrte de Appellação, recebeu, no dia 2 do corrente, sexta-feira penultima, uma expressiva manifestação de apreço promovida pelos membros da magistratura local, que, incorporados, foram levar cumprimentos de anno novo áquelle illustre magistrado.

FILIGRANAS

— Vês como elle vae ali cabisbaixo e meditabundo?

— Sim.

— Uma molestia horrivel corróe-lhe o organismo e desfigura-lhe as formas.

— Coitado!

— Sim, coitado. Mas elle só fez o mal, só espalhou o mal, só estimou o mal...

— Na verdada?

— Na verdade. E foi a inveja, a má conselheira de Caim, sem duvida, quem até esse ponto lhe envenenou o sangue. Si elle mordesse a propria lingua, morreria...

REVISTAS ESTRANGEIRAS

A Livraria Odeon, dos srs. Soria & Boffoni, offereceu-nos exemplares dos ultimos numeros de varias revistas estrangeiras de que são agentes nesta capital.

O novo director geral dos Telegraphos, dr. Edgard Teixeira, entre funccionarios daquella repartição, ao assumir o seu alto cargo, sexta-feira penultima, no palacio da praça 15 de Novembro.

O VENCEDOR DO MARNE

Joffre, o grande cabo de guerra dos tempos modernos, que, encarnando a alma heroica da França, venceu os exercitos allemães na grande batalha do Marne, na mesma região em que Aecio bateu as hostes de Attila e os generaes da Revolução repelliram a Europa colligada. O nome de Joffre viverá gloriosamente pelos seculos além, nas paginas de bronze da Historia.

A nova directoria da Cruz Vermelha Brasileira, recentemente eleita, foi empossada na penultima quarta-feira, em solennidade que se realizou com a presença do tenente Menna Barreto, representante do chefe do governo provisorio, e de outras altas autoridades.

O glorioso Club dos Democraticos, um dos «leaders» do carnaval carioca, e tão querido pelo nosso povo, inaugurou, ha dias, a sua nova séde, construida á rua do Riachuelo e que apresenta, assim externa como internamente, o mesmo aspecto de imponencia e bom gosto. A' cerimonia inaugural, que decorreu brilhante, compareceram o representante do interventor dr. Adolpho Bergamini e outras autoridades e jornalistas, alem da directoria dos Democraticos.

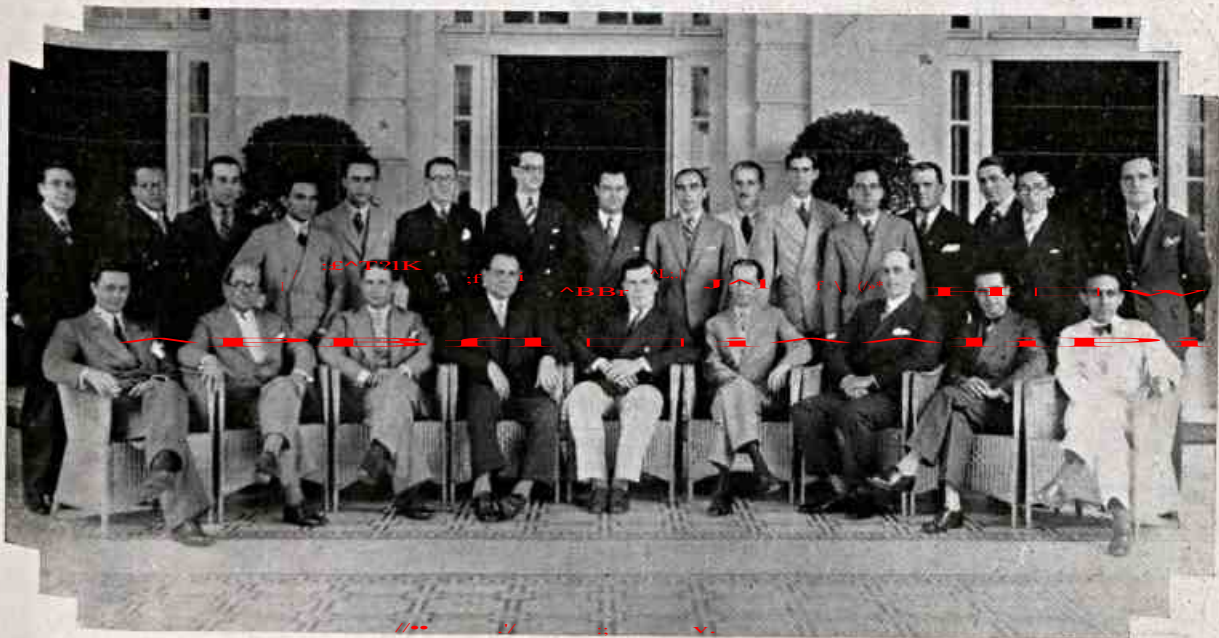
O Club Militar festejou a passagem do anno com um baile que decorreu cheio de animação e de brilho mundano. Na photographia acima se vêem elementos que tomaram parte nessa reunião.

FILIGRANAS

As decadencias dos povos e dos regimens se marcam pela ignominia e pelo servilismo. A ignominia grassa entre os dirigentes. O servilismo domina os dirigidos. E ambos trocam favores.

A ignominia age. O servilismo a apoia. A ignominia manda. O servilismo obedece. A ignominia tripudia. O servilismo applaude. A ignominia banqueteia-se. O servilismo devora, glutão, as migalhas e lambe os beiços. A ignominia ás vezes suja as mãos de sangue. O servilismo anda com ellas sempre enlameadas... *Both Together*.

* * *

O panorama humano me enche de tanta tristeza quanta alegria me dá o panorama da natureza. E' que eu me sinto mal no meio das mentiras e dos vicios, embora, para não succumbir, seja obrigado a usar de uns e de outros. Refugio-me na vida interior, intensifico-a, illustro-a e nesse templo, que é somente meu, nenhum profano, por mais poderoso que seja, consegue penetrar. A' sua porta está escripta a grande phrase de S. Lucas: "Fazei um thesouro que não perega no céu!"

Reunidos num almoço intimo, realizado no restaurante do Jockey Club, os medicos da turma de 1920 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro commemoraram domingo passado o primeiro decennio de sua formatura.

Os Sete Dias de "Fon-Fon" no Cinema

Uma directora severa!

"Nunca é Tarde Para o Amôr"

Comedia da "Warner Bross" — com:

Louise Fazenda, Clyde Cook, Myrna Loy e outros

Cala a bocca!...

MISS Cynthia Botts, mestra de um collegio para meninas, torna-se herdeira da fortuna do velho Doolittle mas, como o testamento impunha, era preciso manter-se numa linha de correctismo invuneravel, contrariando assim os desejos do director do collegio, que olhava para a fortuna com verdadeira ganancia. Muito desastrada nas suas attitudes, Cynthia dedicava-se ás jovens, de cuja educação estava encarregada e ainda não pensára no amôr.

Tendo, entretanto, herdado a fortuna do velho Doolittle, pede umas férias no collegio e resolve fazer uma excursão ao Hawaii em companhia do homem que logo se apresentou como seu eleito. Mark era um desses cavalheiros de rara habilidade em se fazer insinuar deante de qualquer mulher. Os seus casamentos contavam-se ás dezenas, em todas as cidades americanas onde andára.

O velho e beato professor Meekham, desgostoso por ter sido esquecido na herança de Doolittle, jurou que tiraria partido da figura de Cynthia, e para isto não a quer perder de vista.

Embarcando logo depois, Cynthia reune-se a Mark Krisel com quem logo se casaria, pensando ser elle um grande banqueiro, quando, na verdade, não passava de um grande "pirata". Utilizando os serviços de um marinheiro, ella envia uma cartinha amorosa ao noivo, que lhe responde com um bilhete que lhe fizera a "outra" e onde era dita a verdade sobre Cynthia, trazendo o bilhete a assignatura "unicamente tua Claudette".

Enfurecida com a conducta daquelle que julgava tão merecedor de seu amôr, ella luta com o seu eleito, agarra-se a elle e quando vae sahir do camarote, escorrega no convéz e aos trambo-

lhões vae cahir nagua. O marinheiro Sandy quer salval-a e joga-se tambem nagua, sendo ambos apanhados por uma lancha de contrabandistas, que os leva para o caes. Alli a policia esperava a lancha e são todos algemados. Cynthia e Sandy tiveram as mãos ligadas pelas algemas da lei e por uma felicidade escaparam ainda de ser levados na canôa.

Procurando fugir dali, Cynthia consegue levar o companheiro para a escola, onde elle se disfarça como mulher e é logo escondido em seu proprio quarto. O velho Meekham desconfia desde logo dos modos de Cynthia e, pensando haver provas para um escandalo, chama o advogado para uma conferencia no quarto da "miss", cuja afflicção não tem limites. Ligados pelas algemas, elles arranjam um meio de enganarem a vigilancia do perceptor, ficando Sandy debaixo da cama... isto depois de uma noite mal dormida... Ambos estavam em estado lastimavel, pois tinham bebido de um tal tonico restaurador das forças usado pelo professor. Um papagaio indiscreto vae para baixo do leito e com o seu bico agudo consegue provocar o escandalo.

Sandy é apresentado como marido de Cynthia, ao passo que Mark, depois de ser recolhido ao hospital, volta a procurar a rica herdeira, apresentando-se no collegio, ansioso para partilhar dos bens de Cynthia, como falso marido, e reclama a mulher. Entretanto, elle consegue libertar-se e tambem a Sandy, das algemas. Quando estão nesta compromettedora situação, eis que chegam os agentes da policia para prendel-os, pensando serem elles tambem contrabandistas.

Segue-se uma scena de indecisão, em que Cynthia e Sandy não sabem onde se esconder e por fim ella triumpha da maledicencia, esclarecendo assim sua honestidade e conservando sua fortuna! Miss Cynthia Botts encontrou o que ella tanto esperava: "Com todo o encanto e belleza de Hawaii e sem ter quem a importunasse." "A unica cousa melhor do que ser namorada de marinheiro" diz ella tolamente, "é ser sua esposa"...

Que perspectiva!

DEUTSCHE WOCHENZEITUNG FUER DIE NIEDERLANDE — A melhor pellicula sonora até agora produzida. Pela primeira vez podemos calcular a que ponto o film sonoro poderá chegar a ser no futuro. Com "O Anjo Azul", a cinematographia sonora allemã superou as mais notaveis producções internacionaes.

"O ANJO AZUL" (*Der blaue Engel*) — super-producção Ufaton (falada, cantada e dansada), dirigida por Josef von Sternberg, com a interpretação de Emil Jannings e Marlene Dietrich — será apresentada, em breve, pelo conhecido Programma Urania.

Fóra do tempo

Revelações

"Flôr do Peccado ou Paixão de Apache"

Um film da "WARNER BROS"

com Dolores Costello,
Conrado Nagel e
Lionel Belmore

JOAN Villaire é uma bailarina de café cantante de Paris, frequentado por elementos máus da cidade, onde o vicio e o crime imperam impunemente. Embora sob aquella atmosphera, a joven Joan não se deixa impregnar pelos venenos ambientes e o seu espirito bello e puro está voltado para as cousas nobres. Vive com ella um irmãosinho a quem adora e com quem reparte as suas alegrias e tristezas.

Por causa desse irmãosinho, que se chamava Petite, Joan castiga severamente Zitzi, que o estava instruindo sobre a arte de bater carteiras. Na briga é auxiliada por um apache de nome Lupine, tão hábil no manejo do canivete como na arte de roubar. Lupine, aliás tem suas pretenções amorosas com Joan, que não lhe dispensa attenção.

[illegible] a certa loja de Paris, Lupine leva comsigo o pequeno irmão de Joan, ao qual accidentalmente fére com um tiro de revolver, quando pretendia atirar em seus perseguidores. Fugindo com o menino nos braços, Lupine o abandona num automovel vazio na rua e segue para o café onde Joan, áquella hora, dançava, ganhando a sua vida. Pouco depois chega o chauffeur do automovel em que Lupine deixára o menino ferido, avisando Joan. A moça, afflictissima, corre para o medico mais proximo, levando o seu irmãosinho.

O dr. Raoul Deboise comprehende que se trata de um caso de policia e, sem fazer qualquer curativo, dá a

No seu olhar lia-se a duvida.

O filho era a sua paixão

Joan uma receita escripta, mandando-a á pharmacia mais proxima. A moça, porém, sabe que a receita era apenas uma ordem para chamar a policia e supplica ao medico, por piedade, que opere o menino. Nesse interim, a creança morre e a moça, desvairada pela dôr, tenta contra a vida do medico. O pastor Colombo, entretanto, estando presente, impede que a moça realize o seu tragico intento.

Em seguida, o medico observa que sua clientella vae escasseando inexplicavelmente e descobre que Joan, para se vingar, exercia contra elle uma campanha diffamatoria muito habil. Dessa animosidade, no emtanto, nasce um amôr forte e sereno, a cuja felicidade só constituem obstaculo a educação de Joan e o seu meio.

A moça, porém, resolve tudo summariamente, mandando conduzir para a casa do medico a sua bagagem e declarando-lhe que passaria a morar com elle. Raoul não concorda, dizendo-lhe que isso não era possivel, por não serem casados. Estando presente o velho pastor, Joan logo attribue á sua influencia a repulsa manifestada pelo medico e insulta o velho, cheia de raiva.

Raoul, que ama apaixonadamente a Joan, procura o pastor na Cathedral, confessando-lhe o seu amôr e pedindo-lhe um conselho. O pastor declara conhecer Joan desde creança, nada lhe constando em desabono de sua honestidade e da sua moral, apesar do desamparo absoluto em que vivia a moça, num meio pervertido e perigoso. Raoul está disposto a casar com Joan, certo de que ella assim tambem deseja.

Afim de lhe dizer a sua resolução, Raoul procura Joan e descobre que ella, enfurecida contra o pastor, tomára parte num assalto á Cathedral, roubando valiosas joias e ornamentos. Raoul pede que devolva os objectos roubados, mas a moça não o attende, fugindo com sua gente. Raoul segue no encalço e Lupine, perseguindo-o, atira-lhe pelas costas o canivete, produzindo-lhe profundo ferimento. O medico, atacado assim, cáe num boeiro de esgotto, desapparecendo. Joan procura salval-o, mas nada consegue.

(Cont. na pag. seguinte)

Odio de mulher

Falsas amizades eram aquellas.

No apogeu da fama

Um film da Fox

EDDIE BURNS é um actor de pouco merito, que trabalha em vaudeville em theatros modestos. No emtanto, tem de si proprio uma opinião um tanto exaggerada, julgando-se um assombro. A sua companheira de trabalho é sua propria esposa, Lily Clark, que pensa da mesma maneira, embora o marido a considere, em materia de arte, um zero á esquerda. Como não houvesse trabalho, Lily resolve acceitar o emprego de corista numa companhia de zarzuela, onde a artista Sybill trabalhava com uma phoca amestrada. Sybil tanto estimava Lily, quanto aborrecia Eddie por causa do seu ar pretencioso. E' empregado de Sibyll o joven Elias. Uma noite, como um dos comicos enfermasse, Lily pede ao empresario que permitta que Eddie o substitua. O empresario accede e o par conquista um triumpho que Eddie julga ser somente obra sua. Dia a dia, aquelle par de artistas é applaudido com enthusiasmo pelo publico, tornando-se em breve famoso, já sob os nomes de Burns e Clark. Lily está para dar á luz um filho. O medico

O par que seduzia o publico

Flôr do Peccado ou Paixão de Apache

(Continuação)

No dia seguinte, o pastor Colombo visita Joan, pedindo-lhe informes sobre o roubo. Ella confessa tudo, dizendo-lhe ainda como Raoul desapparecera e promettendo fazer tudo para que fossem devolvidas as jóias roubadas á igreja. Lupine, escondido, ouve toda essa conversa e depois que o pastor se retira, obriga-a a garantir o seu casamento com elle, pois só assim permittirá a devolução dos objectos roubados.

Realiza-se o casamento e depois da cerimonia Lupine espera sua esposa do lado de fóra da igreja, emquanto ella devolve o roubo ao pastor, declarando-lhe que se casára com Lupine obrigada por elle e só assim consen-

A sua companheira sentia-se desprezada.

Interpretação de

LEE TRACY — MAE CLARC — DAPHNE POLLARD

exige-lhe que se retire do palco o mais depressa possivel. Eddie, temendo que, com aquella parada forçada, se prejudique a sua carreira, convence Lily a deixar que uma actriz da companhia chamada Gloria a substitua. Nasce o filho, Lily quer voltar ao trabalho, mas Eddie acha que ella está ainda muito fraca. Por sua vez, Gloria sente-se bem com o grande ordenado que vem ganhando. Eddie obriga Lily a não trabalhar. Nesta altura, recebem o convite de uma grande empresa da Broadway e Eddie esquece a velha companheira para partir com Gloria para o seu grande successo. Lily, offendida, declara que não mais quer saber delle.

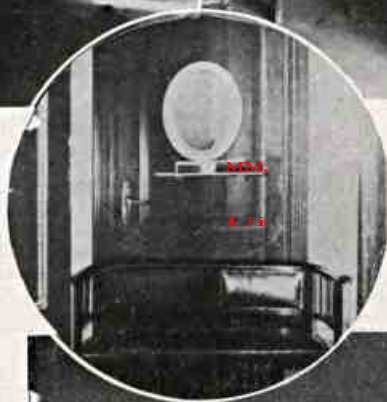
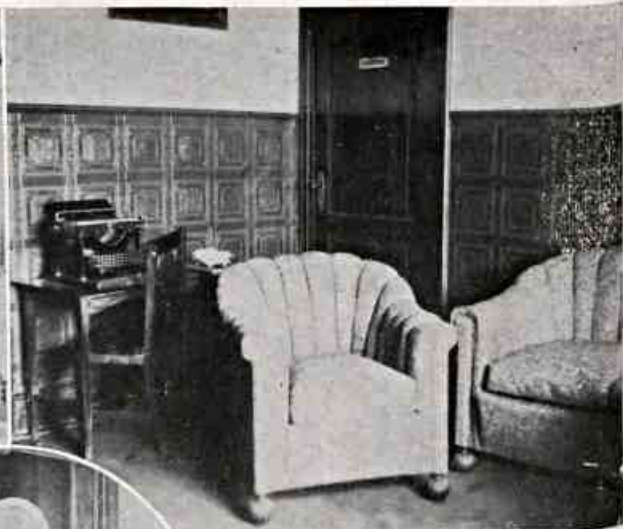
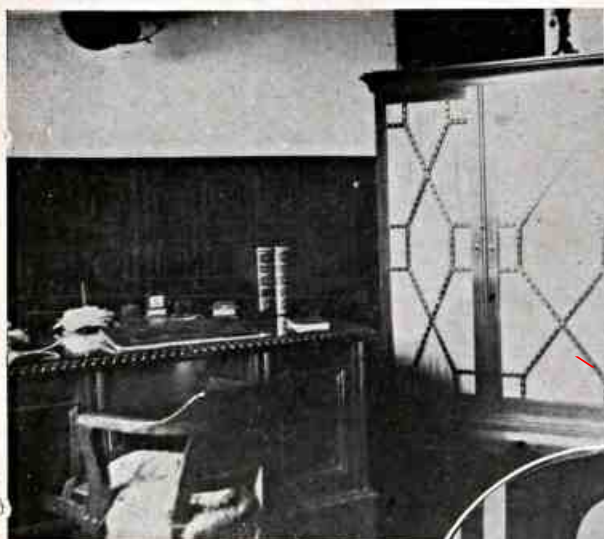
Eddie parte com Gloria. Annos passam e pouco a pouco a fama artistica de Eddie e de Gloria vae descendo, a ponto desta o abandonar. Já ninguem o quer contractar e elle emprega-se, coagido pela miseria, numa fabrica de films como extra. Ahi trabalha uma grande artista chamada Marylin Burke. E' Lily, que está no apogeu da fama. O encontro é dramatico e o amor vence.

Eram o idolo das platéas.

tiria na devolução. Então, chega Raoul, todo enlameado, muito pallido e só é visto por Lupine. Elle conta ao pastor o que lhe succedêra e é scientificado do casamento de Joan com o apache.

Mais tarde, quando pretendia chamar sobre si a attenção da moça, que o repellia, Lupine, enfurecido pelo ciume, conta como se déra a morte de Petite. Joan recebe essa confissão como um milagre em resposta ás suas preces, e recusa-se terminantemente a ser esposa de um assassino. Fugindo delle aterrorizada, a moça se atira pela janella e vae cahir á rua muito contundida. A policia, que sobe até aquella agua-furtada em busca do apache criminoso, é por este recebida a tiros. Na lucta que então se trava, o bandido encontra a morte.

Algumas semanas depois, Joan e Raoul, restabelecidos, realizam o seu sonho, confiantes no futuro e animados pela esperança duma vida tranquilla, clara e ditosa.

GABINETE RADIOLOGICO DR. OSBORNE

O dr. Carlos Osborne, o illustre radiologista patricio que tantas victorias tem alcançado na sua especialidade, installou no 7.º andar do Edificio Odeon (appartamentos 718 e 719) um gabinete radiologico que honra a nossa capital, por isso que dispõe do mais moderno apparelhamento technico e offerece o melhor aspecto no que concerne ao luxo, ao bom gosto e ás exigencias scientificas da actualidade.

Aspectos do Gabinete Radiologico do dr. Osborne. Ao alto: mesa de trabalho e escriptorio; no medalhão: vestiario; em baixo: camara escura, sala de apparelhos e secção de leitura e archivo de radiographias.

Os funccionarios da Publicidade da Light reuniram-se, na vespera de Natal, em torno de seu chefe, o sr. F. C. Scovile, illustre jornalista americano, para homenageal-o por motivo da grande data da alegria universal. Não houve discursos, (felizmente para o nosso collega Scovile...), mas houve muitas rosas e muitos cravos brasileiros florindo a mesa do estimado director da Light e, tambem, muitos sorrisos florindo os labios contentes dos manifestantes... A gravura acima focaliza um aspecto dessa manifestação, vendo-se, ahi, alem do senhor, F. C. Scovile, os nossos confrades Annibal Bomfim, director da publicidade da Companhia Telephonica Brasileira; Alvaro Guanabara, director da revista «Light»; Paulo de Magalhães, Orosimbo Loureiro Junior, Mario Lacombe, A. Cacella, Muniz de Albuquerque, Walfredo Machado, Mario Brandão, Antonio Bomfim de Lima, Francisco Caribé da Rocha e R. Grosso.

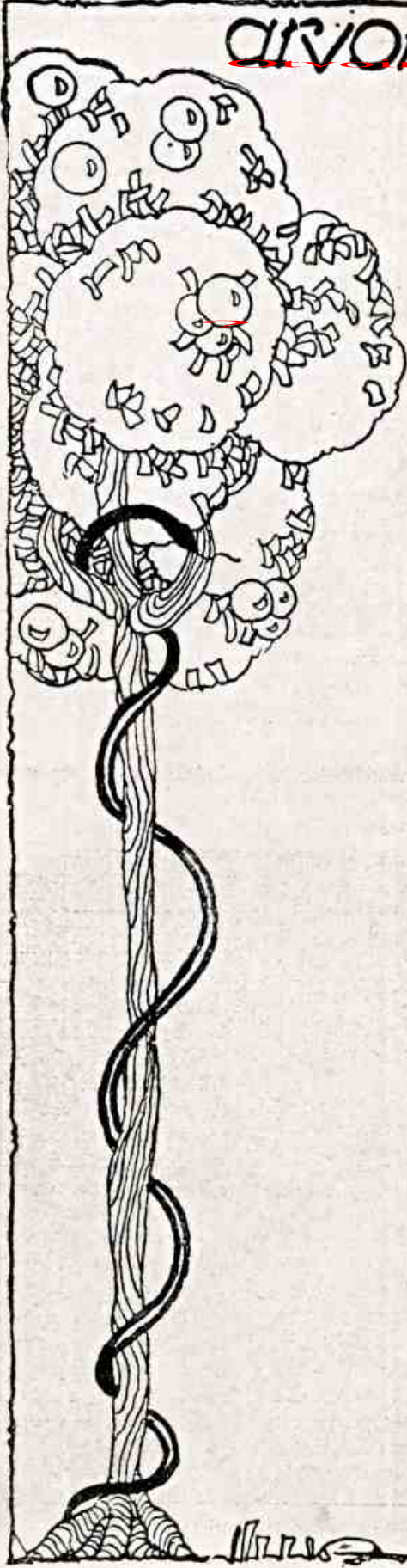
ALCOOL-MOTOR

São Paulo está muito mudado. As suas avenidas já não têm a tristeza sombria de antigamente, nas horas em que o predio Martinelli fica sem sol.

Ha, agora, um barulho de luz por quasi toda parte. Por isso, si a gente quer dar um beijo na rua, precisa ter muito cuidado para não ser visto de longe: — ou se esconde por traz de um automovel ou vae para casa sem o beijo...

Mas, os seus namorados sempre estão de bom humor.

A cidade, sozinha, possúe para mais de vinte mil carros...

Braz Guêrra

Os ministros Lindolfo Collor e José Americo de Almeida e o interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, visitando a Fabrica de Lampadas Edison-Mazda, onde foram gentilmente recebidos e homenageados pela directoria da General Electric.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

A mulher é uma flôr que se cultiva, uma barca que se governa ou uma vinha que nos embriaga...

* * *

A's vezes, é tambem uma carga que nos esmaga...

* * *

Uma velha que se pinta e empóa é como um velho muro que se caia.

* * *

A mulher que precisa de muitos adornos para agradar lembra essas viandas que só podemos comer com môlhos picantes.

* * *

Deus não tirou a mulher da cabeça do homem para que não ficasse orgulhosa, nem dos pés para que elle a não desprezasse; mas de um lado para que a considerasse sua companheira.

* * *

Ha muitos viuvos que choram suas mulheres, porque sabem que as lagrimas as não resuscitarão...

* * *

A tolice menos perigosa que uma mulher faz é casar-se...

* * *

A mulher é geralmente aristocrata. Por isso, quando se rebaixa, o seu aviltamento parece maior que o do homem.

* * *

Porque a cadeia do casamento é, em verdade, demasiado pesada, é que algumas vezes ha necessidade de tres pessoas para carregal-a...

ENTERNECIMENTO

Que seja á hora subtil, á hora sombria
de um crepusculo azul, que eu, de man-
[sinho,
aproveitando a luz do fim do dia,
penetre em teu caminho.

A' claridade fosca do sol poente,
presentirás, apenas, o meu vulto...
E hei de buscar-te, silenciosamente,
sem bulha, sem tumulto.

A minha voz, na calma do sol-pôr,
ha de fazer-se limpida e macia,
para dizer-te do meu grande amor,
em suave melodia.

E quando a noite, emfim, baixar á terra,
cobrindo-a toda com seu manto escuro,
hei de contar-te o que o meu peito encerra
de sentimento puro.

Hei de contar-te o delicado zelo,
que tive com meu fragil coração
para tornal-o grande e enaltecêl-o
para a tua affeição.

Tu, que has de ouvir-me com curiosidade,
perguntarás porque não vim mais cedo;
eu te direi, Amor, toda a verdade:
foi porque tive medo.

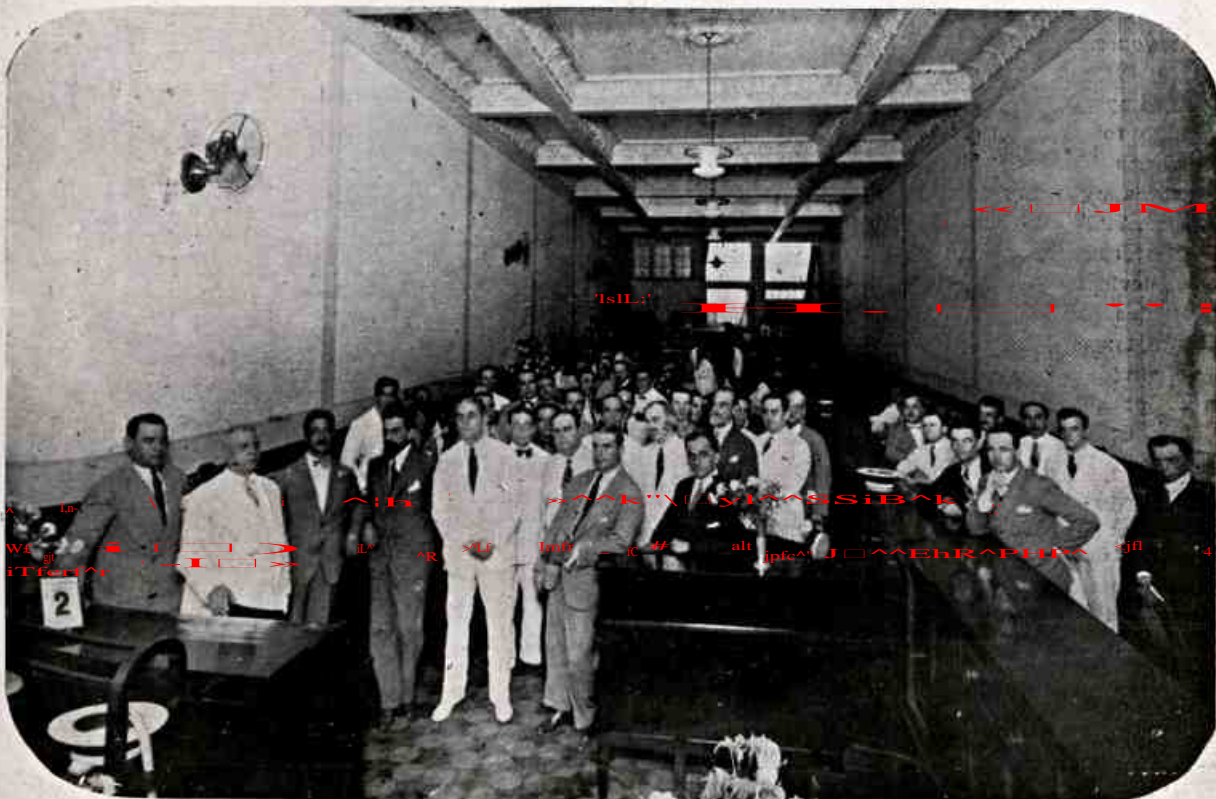
Tive medo que a luz da manhã clara
te mostrasse o meu rosto sem belleza;
e que tu, que a minha alma idealizára
nas horas de tristeza

o meu Principe Azul, ao ver-me assim,
sem formosura, atravessando a estrada,
tendo o sol espelhado sobre mim,
nessa louca jornada;

tu, com certeza, as palpebras cerrando,
ficarias de ti mesmo esquecido,
longe de tudo e todos, meditando,
abstracto, distrahido,

como si pela estrada não houvesse
sinão da brisa o timido vae-vem,
como si, junto a ti, em muda prece,
não sentisses ninguem...

BEATRIX DOS REIS CARVALHO

COMPANHIA DE SEGUROS NOVO MUNDO

Aspecto tomado por occasião da inauguração da nova séde da «Companhia de Seguros Novo Mundo», em edificio proprio, sito á rua do Carmo n.º 65.

Notas de Arte

Oscar D'Alva

CENTRO ARTISTICO MUSICAL. — Commemorando o 7.º anniversario da sua fundação, realizou o C. A. M. no I. N. M., em a noite de 27 de dezembro, um concerto symphonico com uma orchestra de 50 professores, sob a regencia do maestro Francisco Braga, figurando como solista o pianista Mario de Azevedo e em que se ouviram: *Abertura* de "A Flauta magica", de Mozart; *Esboços sobre as steppes da Asia Central* de Borodine; *Fantasia Hungara*, de Liszt; *Monologo* de "O Contractador dos Diamantes", de Francisco Braga; *Bébé s'endort* e *Serenata*, de Henrique Oswaldo; *Serenata*, de Nepomuceno; *Concerto, op.* 16, de Grieg.

A impressão do conjuncto foi das melhores que nos têm proporcionado as sessões musicaes do C. A. Agradaram-nos muito especialmente, talvez devido mais á belleza das composições do que a terem sido melhor interpretados que os outros, os numeros — *Esboços*, de Borodine, *Serenata de Nepomuceno* e *Fantasia*, de Liszt.

Além da costumada mestria do regente, que se fez tambem applaudir como compositor, revelou-se-nos mais uma vez o talento pianistico de Mario de Azevedo. Não só na *Fantasia* de Liszt, mas tambem no *Concerto* de Grieg, notadamente no *Andante* e no *Alegro*, o joven pianista encantou, enthusiasmou o auditorio que lhe não regateou applausos.

E' de louvar-se o esforço do C. A. M., proporcionando aos seus associados vesperaes e saráos de arte, como esse, que foi o seu 79.º concerto.

Walter Burle Marx, o joven e notavel maestro brasileiro, que acaba de triumphar, como regente de orchestra, em 4 grandes concertos symphonicos, realizados no Theatro Municipal

OLGA PRAGUER. — O que foi o recital da senhorita Olga Praguer, realizado no I. N. M. em a noite de 23 de dezembro, deixamos registrado na chroniqueta que escrevemos em *O Globo*, de 27 desse mez. De sorte que nos limitamos agora a reproduzir apenas o juizo synthetico que então emittimos.

"A senhorita Olga Praguer não é apenas cantadeira e tocadora de violão — designação technica dos profissionaes do genero — mas possúe dotes de maior valia. Podemos chamar-lhe *cantora* e *violonista*, porque sabe cantar e tocar com sentimento e arte, seja embora o canto puramente regional e o instrumento um dos ultimos do naipe das cordas.

"A sua voz, não obstante o pequenino volume e a pouca extensão, é de agradavel timbre e revela cultura. O seu violão é dos melhores que conhecemos. Ouvindo-o — é uma heresia talvez, mas tivemos essa illusão — pareceu-nos, ás vezes, que elle soava como piano...

"Sem exaggerar o valor da musica regional, sem querer para ella excepcional destaque, é justo proclamar que com a senhorita Olga Praguer se póde ter, como se teve, uma noite de arte, ouvindo canções ao violão."

P. S. — Embora não tenhamos por habito corrigir os lapsos typographicos que ás vezes se encontram nestas chroniquetas, fazemos hoje uma excepção á regra, porque sem errata fica inteiramente adulterado o nosso pensamento. Escrevemos nas ultimas *Notas*, a proposito da 5.ª *Symphonia*, de Beethoven, que, como *nós* vibramos, todo o auditorio tinha vibrado, mas em vez de *nós* foi publicado *nunca*. Corrigimos o lapso, porque não é verdade affirmar que a vibração do auditorio, ouvindo a 5.ª *Symphonia*, fosse a maior a que temos assistido. No proprio concerto em que foi executada a obra de Beethoven, houve outros numeros applaudidos com mais enthusiasmo.

NA IMPORTANCIA DE

REIS

10:000$000

Tomae uma assignatura annual, para 1931, de FON-FON ou SELECTA

PELA SEGUINTE RAZÃO:

A "Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A" premiará os seus innumeros assignantes, indistinctamente, com uma apolice no valor acima declarado, da Companhia de Seguros de Vida A EQUITATIVA, sem despesa, livre de exame medico, desde que o numero do talão de sua assignatura corresponda, integralmente, ao 1.º premio da 1.ª Loteria da Capital Federal, a extrahir-se em Março de 1931.

Preço das assignaturas por anno:

FON-FON.......... 48$000 SELECTA.......... 48$000

Pedi informações, hoje mesmo, á

Empreza Fon-Fon e Selecta, S/A

RUA REPUBLICA DO PERÚ, n. 62

End. Tel. "FON-FON" Telephones 2 - 4136 e 2-0377

Rio de Janeiro

O poeta que não morreu...

(Pedro Paulo Faria Rocha)

NÃO era senão um interprete de Deus... Era a luz divina e pura dos olhos que choram, porque os seus versos são uma profissão de Amor, Resignação e Força, e nos dão a delicia de soffrer...

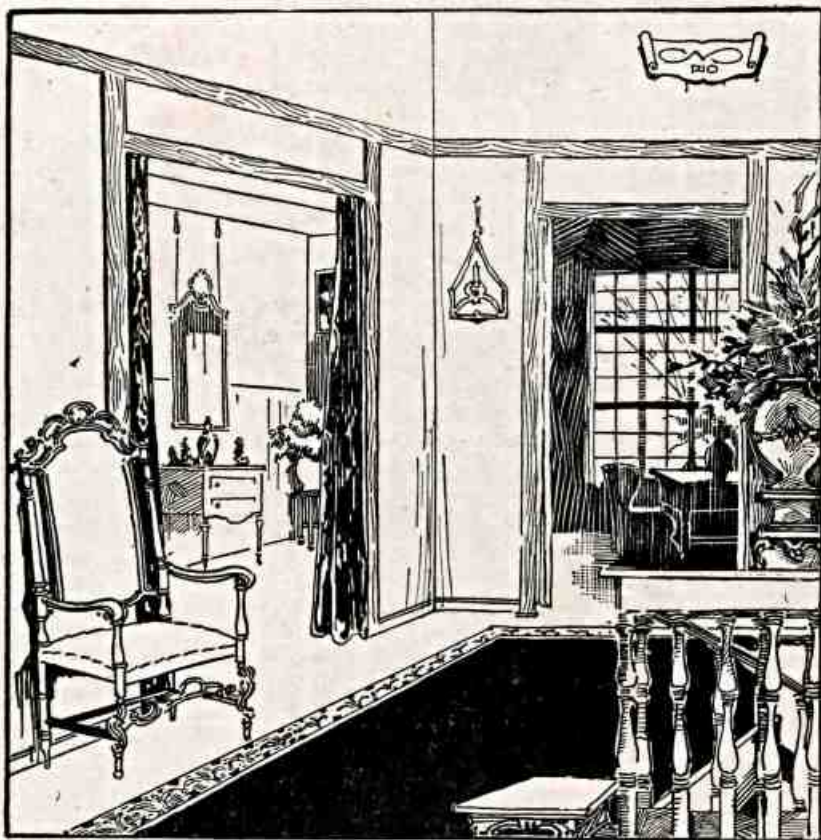
"Culto a Dôr... a Dôr,
[cujo reverso é o gozo,
[é o prazer, e a volupia, e
[o Mundo dos espasmos...
O heroismo, a alegria, e o
[que ha de mais glorioso,
— O' Dôr dos immortaes,
[Dôr que me orgulha.
[dás-m'os.
... ...
Só é capaz da Dôr, quem
[é capaz do Affecto:
O Affecto é o pollen da
[Alma, é o luar que a
[noite aplaca;
a Dôr — é a noite em que
[a Alma esplende por
[completo..."

Assim cantava a vida Hermes Fontes, o poeta que galgou a Gloria levado pela dôr, que *dá alma ás almas, dá mais força á gente fraca*...

Quanta vez, quanta!, a magia de seus versos não transformou em suave resignação almas atribuladas pelas maldades do mundo! E quanta vez, quanta!, a dor, que em seus versos é essencia, é annullação do scepticismo, é pedra de toque dos caracteres, não mostrou a olhos marejados de lagrimas a abobada etherea e azulada, os mysterios divinos e a immensidade de Jesus! — Para o nosso grande vate, após burilar-lhe a alma, foi-lhe a dor a chave da Esthetica...

Por isso, ante o gesto que o conduziu ao somno perpetuo, fica-se assim — receioso e perplexo e confuso... Fugiu elle de uma visão que o perseguiu, ou para uma visão que o encantou?... Não; foi para uma visão que o encantou... Foi, em delirio tragico, uma imagem que buscou... por não poder idealizal-a — quiz ver a dor na outra vida...

Mas, não morreu o poeta. Não morreu, porque poetas como Hermes Fontes não morrem nunca.

Repitamos, portanto, alheios á sua ultima visão, confiantes para sermos bons e fortes, os versos com que cantou a vida, sentindo o seu espirito em todas as cousas que constituem as bellezas da existencia e sentindo-o, mais que em tudo, na dor, em que o poeta *libou delirios* e *angustias* e *enthusiasmos*, e que para elle sempre foi o grande e sempre foi o excelso sol da alma!...

Na Terra das Rendas

(a Martins Capistrano)

Por LYS D'ORLÈANS

«ALÉM, muito além daquella serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.»

E a voz dos passageiros todos, na phrase de seu grande filho, em grito unisono, saudavam a costa cearense! Aproximavamo-nos de Fortaleza! Manhã clara e doirada como a mais linda manhã tropical.

No céo, nenhuma nuvem lhe toldava o azul immaculado.

A areia branca da praia, espelhante ao sol, parecia a couraça de indomaveis guerreiros que guardassem a terra querida.

No mar de jáde, a vela branca das jangadas era como a sombra augusta da paz que nos viesse acolher sob suas azas.

Fortaleza! Este nome tudo diz! Ao vêl-a, tem-se a impressão identica á que causam creaturas infinitamente superiores. Physionomia arrogante e alma de cordeiro! O seu mar lembra o mar hollandez. Impetuoso e bravio! E' preciso conhecer um pouco o mundo e a psychologia das coisas para enfrental-o confiante, sem o que, se terá a impressão de que se irá morrer de tédio e calor como nos insinuam os sulistas...

E vem a lancha buscar-nos do navio. Vamos por esse mar a fóra, ao solavanco das ondas. Agora, o porto! E' necessario ser agil, ligeiro, para, num impulso, saltar imprevistamente com o auxilio dos homens rudes do cáes ou dos gentis companheiros de bordo.

Fortaleza, emfim! Tela deliciosa de luz, côr, vida, encantamento! A luz é tão forte, que as nossas palpebras mal se podem descerrar! Terra prodigiosa, onde o sol é tão sublime que nem siquer molesta as delicadas flores. E ellas — pequeninas e brancas, cheias de seiva, vicejam por entre a areia de crystal, sorrindo feliz, num sorrir que traduz toda a sua ventura!

Solo bemdito, este! Até nos Alpes, por entre a neve, o "edelweiss" rareia!...

E ninguém esmoreça! Daqui a pouco, virá a tarde mais suave, mais fresca! Nós já percorremos tudo e gostamos de tudo

Assim como em S. Salvador (Bahia) tivemos a impressão de pisar o céo, tão maravilhosa e linda era, Fortaleza nos pareceu um enorme e encantador bazar animado na vesperal do Natal.

Crianças loiras, olhos claros, faces de porcelana rosea são as lindas bonecas! Os verdadeiros bonecos de panno, tabaréos exoticos, de chapéos de abas mui largas, adquirimol-os e os trazemos comnosco, para dar a nota esfusiante de contraste e graça ao nosso dormitorio doirado entre as formosas princezas e "rajahs" que Lenci exportou.

E os jumentos? Com que alegria os vemos passar, tão pequeninos, tal cavallinhos de brinquedo, tendo ao dorso homens morenos e fortes!

Um trecho do Evangelho surgiu em nossa imaginação! Foi um animalzinho desses que, outróra, levou ao Egypto, fugindo á humanidade barbara, o Menino Jesus, o "Pequeno Grande", no dizer suave do cearense.

Mas, falar no Ceará sem falar em rendas, era ir a Roma sem nomear o Papa, ao Egypto sem se referir ás esphinges, etc.

Rendas! Ceará!...

Pensei estar em Malines. Aquellas mulheres magras, as rendeiras, queimadas de sol, possuem a alma das fadas. Que mãos primorosas as que executam essas maravilhosas filigranas de linha!

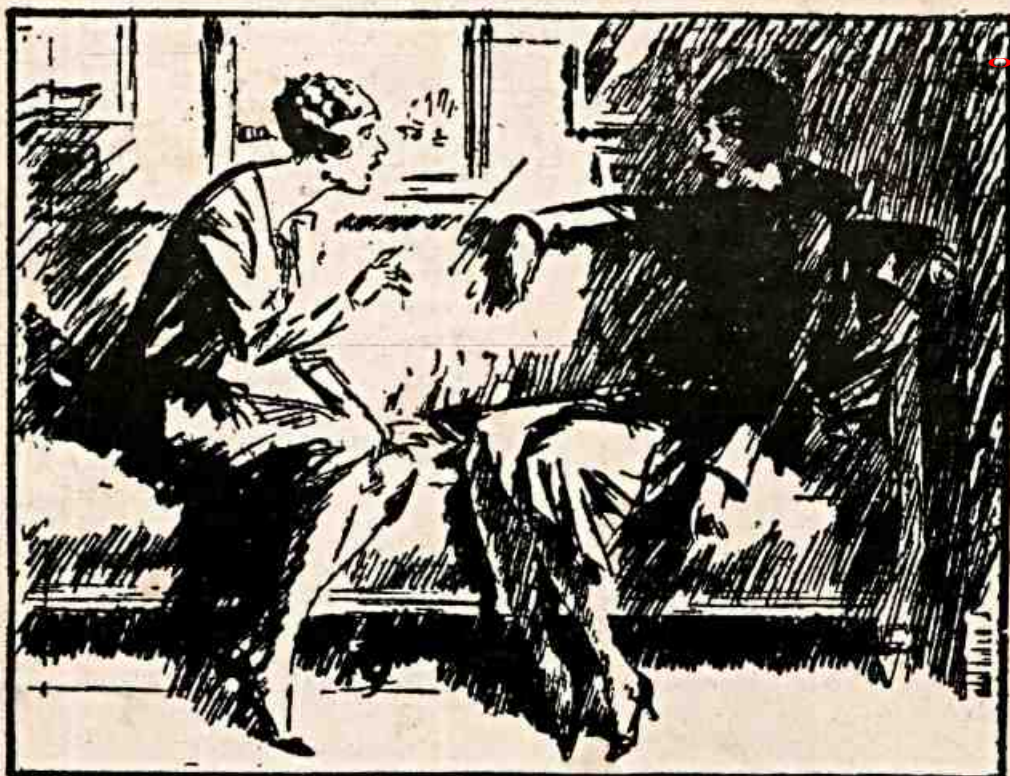
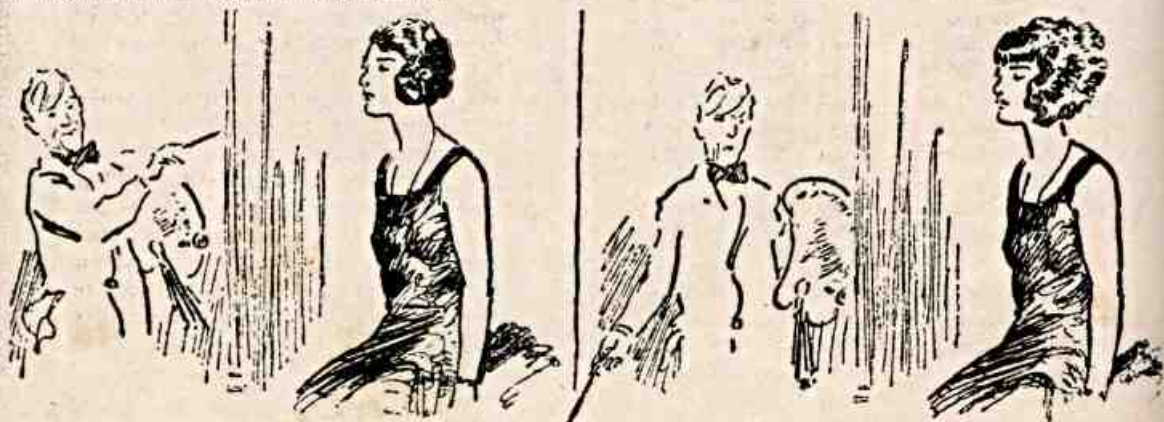
E o sol ia baixando no horizonte incendiario! Quando o crepusculo cahiu, espalhou-se uma frescura tal na brisa que passava, que, juro, não exagero, senti frio! A' beira do mar, daquelle "mar verde e bravio", a gente sonha sem querer, como se sonha ao ler as obras dos cearenses notaveis. José de Alencar, o nosso Chateaubriand; Martins Capistrano, que ainda ha pouco nos deu "Vertigem", muito profundo, tão sereno! Gustavo Barrozo, escriptor incontestavel de finura e saber.

E tudo porque vemos aquelle mar altivo e bello como a alma de seus filhos.

Como o dia todo se desenovelou doiradamente a nossos olhos, naquella nossa passagem para o extremo norte, o Ceará, orgulhoso de suas noites, esmerou-se tanto na "féerie" nocturna, espalhou tantas estrellas no seu céo, que, á hora em que o luar chegou, ellas, em infinita profusão, iam cahindo numa maravilhosa chuva de brilhantes. Encantamento! Sonho! Tudo ali era assim, feito de fragancia e subtileza.

Até o espirito dos cearenses é feito de rendas!

Cariocas, vós, que sois maiores que os francezes nas idéas irreverentes, encantadoras, humoristicas, que brotam com facilidade extraordinaria, com a côr da graça irresistivel de vossos cerebros admiraveis, vêde como elles, como vós, nas avenidas, dizeis a uma moça elegante e bella que passa: — "essa pequena é do outro mundo" — elles, os cearenses, de alma forte e coração de candura, com a voz descansada e terna dos nortistas, voz que lembra o violão que geme e soluça, ao vel-a caminhar, cantam "a seu ouvido, bem doce": — "essa menina é do céo!"

ESPIRITO ALHEIO

A *recem-casada*. — Meu marido prometteu-me uma grande surpresa si eu aprendesse a cozinhar..., e aprendi logo.
A *amiga*. — E qual foi a surpresa?
A *recem-casada*. — Despediu a cozinheira.

A MODA... — Os apuros de um retratista deante das mudanças diarias na moda do penteado...

Eu, Doutor Nilo Taboza Freire, medico pela Faculdade de Medicina.

Attesto que tenho feito uso em minha clinica do

"ELIXIR DE NOGUEIRA",

do conhecido Pharm. Chim. João da Silva Silveira, obtendo excellentes resultados em todas as affecções de fundo luetico.

O referido é verdade e affirmo "in fide gradus".

Quixadá (Ceará) 25 de Março de 1910.

Dr. Nilo Taboza Freire

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes

(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, *Pharmaceutico*

45, Rue de l'Echiquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

O Quaker Oats de cozimento rapido está realmente prompto a comer dentro de 2½ minutos depois da agua ferver, comquanto se possa cozer mais tempo quando se queira. Mais rapido do que torradas! Mais rapido do que café! Não só poupa tempo e trabalho, mas pense-se na economia de combustivel!

O tempo de cozimento reduzido 80%

O Quaker Oats coze-se agora em ⅕ do tempo dantes necessario, o que é devido a um novo processo de forno que melhora o aroma e a ternura deste delicioso e nutritivo alimento, afamado há cincoenta annos pela sua qualidade.

Agora que é preparado tão rapida e facilmente, convem ser servido todos os dias. Coma-o ao almoço; utilize-o para engrossar soppas; use-o em bolos, filhozes e biscoitos. E nutritivo—rico de elementos beneficos para a saude—e cheio de aroma.

Procure as palavras "de cozimento rapido"

Insista em obter o verdadeiro Quaker Oats de cozimento rapido. Procure a palavra "Quaker" na tampa da lata e as palavras "de cozimento rapido" no painel por baixo da famosa pintura do Quaker.

6626M

O Quaker Oats conhecido até agora na sua forma original continua a ser vendido em todas as mercearias.

DE COZIMENTO

RAPIDO

Quaker Oats

Coze em 2½ minutos—comquanto possa ser cozido mais tempo

Contos para crianças

O CASTIGO DO PAPAE NOEL

ERA uma vez dois irmãos, os quaes, apesar do laço de parentesco que os unia, pouco ou nada se pareciam.

Chico, o mais velho, era gordo, forte e brincalhão.

Onde quer que estivesse havia sempre barulho, ou fosse por maltratar os animaes, ou por brigar com os companheiros, emfim por qualquer especie de peraltice.

Paulino, o irmão mais moço, era o avesso do mano: socegado, obediente e applicado. Era estimado por todos e apontado como exemplo aos collegas.

Estando proximo o Natal, a festa ansiosamente esperada por todos e principalmente pelas crianças, via-se nos rostinhos dos dois garotos a alegria com que antegozavam os festejos de tão maravilhosa noite. Foi por isso que o caçula redobrou de esforços na escola afim de, com os bons exames, alegrar aos seus queridos paes. O primogenito, porém, pouca importancia ligou a essas coisas.

Chegou, finalmente, a noite do nascimento do pequenino Deus. Todos os corações transbordavam na ansia de render homenagens ao recemnascido. E foi com a alma repleta de contentamento que os dois meninos adormeceram sonhando com Papae Noel e seus bonitos presentes.

Qual não foi, porém, a decepção do Chico, ao encontrar em seus chinelinhos, em vez de ricas offertas, uma varinha de marmelo, como castigo de seu egoismo e falta de caridade. Ao passo que os do mano mais moço estavam cheios de lindos brinquedos e grandes livros de historia.

E' esta a licção que o Velhinho do Natal dá aos meninos egoistas e malcreados.

A FELICIDADE

HA alguns annos, residiam em uma confortavel habitação, nas proximidades da Floresta Negra, um negociante abastado com sua pequena familia, composta de esposa e dois filhinhos: Werner e Hilde. Ali, bem pertinho, erguia-se uma moradia mais humilde. Esta pertencia a um pobre homem, que passava o dia rachando lenha para ganhar um misero salario afim de sustentar uma familia bem numerosa. A esposa era fraca e pouco podia ajudál-o. A filha mais velha, Grete, contava apenas 15 annos e, comtudo, já ganhava alguma coisa para auxiliar o pae, no sustento da familia. Gertrud, conhecida pelo nome

de Trude, ajudava a mãe nos trabalhos domesticos, ora accendendo o lume, ora preparando o jantar, ou então vigiando a irmãzinha menor, Ida, que contava ainda dois annos de idade. Os dois meninos, Frieder e Franz, já frequentavam a escola e por isso pouco estavam em casa. Com a convivencia de longos annos, tornaram-se as duas familias muito unidas. Hilde, a filha do negociante rico, era uma menina muito bôa e educada, tornando-se, por isto, amiga inseparavel de Trude. Assim que acabava as suas lições, Hilde corria logo á moradia pobre para ajudar a sua amiga nos seus affazeres.

O domingo era ansiosamente esperado por todos. Nesse dia os meninos não iam á escola; Grete e o pae não trabalhavam. Tambem o sr. Reinbach, pae de Hilde e Werner, descansava. Quasi sempre as duas familias se reuniam e faziam excursões pelas montanhas ou pela floresta. Eram passeios muito divertidos e saudaveis. O grupo alegre e despreoccupado seguia o seu caminho, ora fazendo projectos para o domingo seguinte, ora catando as floresinhas campestres, ora cantando uma alegre "Wanderlied" e assim chegavam ao fim da excursão. Descansavam á sombra de algum carvalho; e ahi es-

tendiam a toalha, onde depositavam a merenda, que constituia um dos mais agradaveis numeros do passeio.

E assim decorriam os dias na mais completa união e felicidade para aquellas duas familias. Porém, como não ha bem que sempre dure, um triste accidente veiu extinguir a vida do pobre lenhador. Estando elle, um dia, a rachar lenha, um ramo gigantesco dum carvalho despencou e feriu mortalmente o honrado trabalhador.

Apesar da tristeza em que se encontravam a viuva e os miseros orphãosinhos, com a perda de um esposo e pae tão estimado e carinhoso, encontraram elles na familia do sr. Reinbach amigos sinceros, que compartilharam com elles a sua dor e os consolaram com palavras de grande e verdadeira amizade. Não foi somente por meio de palavras consoladoras que elles os souberam auxiliar, pois o sr. Reinbach, conhecendo a vocação que Frieder demonstrava pelos estudos de botanica, resolveu enviál-o a Heidelberg para que elle pudesse satisfazer aos seus desejos, pois sabia que, sem o seu auxilio, isto nunca se poderia realizar. Tal resolução foi para a pobre viuva uma grande alegria, pois a sua maior preoccupação era como educar os seus filhinhos, uma vez que não possuia meios. Todavia, a separação do seu querido Frieder foi para ella bem dolorosa. Com Frieder seguiu tambem para a universidade o filho do sr. Reinbach, Werner, que tambem desejava seguir uma carreira. A partida foi feita entre saudades e promessas de voltarem nas ferias.

Assim se passaram os annos, e chegou, finalmente, o dia em que Frieder e Werner deviam regressar de Heidelberg, já formados e aptos a exercer as honrosas profissões que haviam escolhido. Frieder havia se tornado medico e Werner formára-se em direito, depois de terem ambos feito bellissimos exames na universidade. A chegada foi um dia de regosijo para as duas familias. Todos estavam ansiosos de abraçar os jovens companheiros. O sr. Reinbach regosijava-se duplamente ao abraçar os valorosos estudantes, pois tinha em seus braços o seu querido Werner e Frieder, a quem dedicava uma affeição paternal. Frieder soubéra pagar com seus esforços o que fizéra por elle, e era essa recompensa que tanto o alegrava.

Outro grande motivo veiu encher de alegria áquellas duas casas. Werner agora, já um homem, encontrára uma esplendida collocação em Bern e resolvêra acceitál-a levando comsigo, como sua esposa, Trude, de quem gostava havia muito tempo. Essa idéa foi approvada por todos e assim se celebraram as nupcias entre risos e flores, synonimos daquelles corações puros, alegres e francos. Logo após o casamento, o joven par seguiu para a Suissa, o paiz do gêlo eterno, atravessado pela magestosa cordilheira dos Alpes, de onde se descortinam as mais lindas paizagens terrestres. Foi nesse solo abençoado, circumdado de montanhas elevadissimas e banhado pelos maravilhosos lagos dos Quatro Cantões e de Constança, que aquellas almas simples e puras formaram o que havia de melhor e de mais aprazivel para elles, — o seu lar, onde só reinavam a paz e a felicidade.

Deixemos, agora, a Suissa, a terra prodigiosa de Guilherme Tell, e voltemos aos recantos tambem felizes da Floresta Negra, onde grandes acontecimentos se haviam dado.

Frieder tambem encontrára um rendoso emprego e constituira familia, desposando uma alegre e jovial patricia. Franz já era um rapaz, e acceitando o convite do sr. Reinbach, entrou na sua firma, onde, á custa do seu trabalho, conseguiu uma alta collocação, e Grete casou-se com um homem pobre, porém, honesto e dedicado.

Hilde, sempre caritativa e bôa, cuida do seu velho pae, feliz e sorridente ao lado de Ida, a quem adoptou desde que a pobre viuva fechou os olhos para sempre. Desta forma cada qual alcançou os seus desejos.

E é naquelle confortavel abrigo nas proximidades da Floresta Negra que se reúnem aquelles que o bom velhinho creou, pra passarem o Natal em sua companhia, illuminados pelas luzes serenas da classica Arvore do Natal e entoando louvores ao Filho de Deus, que trouxe, nessa noite bemdita e maravilhosa, a felicidade para a terra inteira, engendrada naquelle cantico ouvido das alturas do céo:

"Gloria a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Bôa Vontade."

LAURA EUGENIA SCHLAEPFER

Alivia
Estomacal
FERNET-BRANCA
Unico
Desaltera

USEM
LUGOLINA
E
SALSA, CAROBA E MANACÁ
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
Dr. EDUARDO FRANÇA
DIGA COMNOSCO
LU GO LI NA
Dr. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA
PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SÁ, 72 a 76 PHONE CENTRAL 2827
AGENTES
REVENDEDORES
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO

PREÇO 0 4$00

Carlos Augusto Milverton

Por CONAN DOYLE (SHERLOCK-HOLMES)

Os acontecimentos que vão ler-se, ha muitos annos já que succederam. Não obstante, só agora posso narral-os sem inconveniente, visto a heroína delles estar a salvo de inqueritos policiaes. Para maior cautela, porém, envolverei as personagens na bruma do incognito, modificando-lhes os nomes e alterando aos factos a sua data verdadeira.

Sherlock Holmes e eu figuraremos no desenrolar da acção sob um aspecto inteiramente novo.

* * *

Numa gelada tarde de inverno, depois de um passeio, regressamos á casa, perto das seis horas.

Holmes accendeu o candieiro e viu sobre a mesa um bilhete de visita. Pegou nelle, leu com expressão de tedio e, com um gesto de repugnancia, sacudido, atirou-o ao chão.

Apanhei-o e vi que continha o seguinte:

> *Carlos Augusto Milverton*
> AGENTE DE NEGOCIOS
>
> APPLEDOR TOWERS
> HAMPSTEAD.

— Que vem a ser este homem? perguntei ao meu companheiro.

Holmes sentou-se em frente ao fogão, estendeu as pernas para o fogo e retorquiu-me:

— E' uma das mais repellentes creaturas de Londres.

Em seguida accrescentou:

— Veja si o bilhete diz alguma coisa no reverso.

Voltando-o, encontrei estas palavras, que li alto: "Terça-feira, ás 6 horas da tarde".

— Oh diabo! São quasi horas...

Diga-me uma coisa, Watson: você já visitou alguma vez as serpentes do Jardim Zoologico? Pois Milverton causa-me uma impressão tão horripilante quanto esses reptis venenosos, com os seus olhos vitreos de cadaveres e as suas cabeças achatadas...

Durante a minha longa carreira, tenho lidado com mais de quinhentos assassinos. Os peores delles eram menos asquerosos do que esse homem e, todavia, vejo-me forçado a recebel-o. Vem hoje aqui, e a meu pedido.

— Mas quem é afinal?

— E' o rei da "chantage". Deus livre qualquer homem, ou qualquer mulher, de verem os seus segredos, ou a sua honra, parar ás perfidas mãos de Milverton!

Com um aspecto inalteravelmente tranquillo, com um coração mais impenetravel e duro que um blóco de granito, comprime e tritura as victimas, até que dellas mane a ultima moeda de ouro...

E' um talento admiravel na sua ignobil especialidade. Se tivesse propendido para um mister honesto, viria certamente a alcançar um nome honrado e digno.

O modo por que age é o seguinte: publica annuncios, nos jornaes de maior tiragem, fazendo saber que paga, por elevados preços, cartas e outros documentos que possam comprometter pessôas ricas, ou de alta categoria.

A clientella que os arranja está-se a ver qual seja: escudeiros, creados de quarto e, tambem, certos homens de depravado caracter, profissionaes do amor que desorientam os corações das mulheres confiantes, para as explorarem depois.

Note o meu amigo que não regateia. Pelo contrario, gratifica largamente os cumplices. A um lacaio sei eu que elle entregou setecentas libras por um simples bilhete de duas curtas linhas. Com essa pequena tira de cartão arruinou, porém, uma familia da mais alta nobreza da Inglaterra.

Ha centenas de pessoas nesta cidade immensa que empallidecem de terror, mal lhe ouvem pronunciar o nome. Como é perspicaz e astuto, espia as victimas pacientemente e não as ataca senão na hora que se lhe afigura propicia. Espera ás vezes annos inteiros para dar o assalto decisivo, e essa demora nenhum transtorno lhe causa, porque é riquissimo.

Eu disse delle, ha pouco, que era o homem mais repugnante de Londres. E' a verdade. A maioria dos assassinios são commettidos em hora de allucinada colera. Milverton não desvaira, porém. Pratica os seus crimes methodicamente, a sangue frio, com requintes de tortura, e tendo como unico intuito abarrotar de ouro o immenso bojo dos seus cofres de millionario..."

Poucas vezes ouvira Sherlock Holmes discorrer com tanta loquacidade. As suas narrativas eram, de ordinario, de uma verdade fria e de uma concisão extrema.

— E como é que um bandido assim pode escapar ás malhas da lei?!

— Não ha duvida que os actos por elle praticados são previstos e punidos pelas leis judiciarias. Comtudo, tem vivido até agora na mais completa impunidade, porque as victimas não se atrevem a queixar-se.

Que vantagem teria uma senhora em fazel-o condemnar por alguns mezes, sabendo antecipadamente que esse castigo a envolveria, arrastando-a para a discussão e para o descredito?...

Si por um feliz acaso elle pretendesse extorquir dinheiro a uma pessôa innocente, então sim, poderia eu, sem desvantagem, lançar a rêde da lei e colhel-o nella... Mas isso não se dá nunca. E' fino como o diabo. Não ha, pois, remedio, senão dar-lhe batalha em outro campo."

— E o que vem elle fazer aqui?!...

— Vem cá porque uma menina de grande nobreza londrina, lady Eva Brackwell, que é a mais formosa das donzellas que o anno passado se iniciaram na vida da sociedade, delegou nas minhas mãos uma causa muito grave.

(Continúa na pagina 64)

E' noiva do conde Dovercourt e o casamento está ajustado para de hoje a quinze dias.

Esse bandido do Milverton está na posse de varias cartas imprudentes — imprudentes apenas, Watson; nada mais — escriptas por ella a um rapaz pobre da provincia.

Esse indigno galanteador vendeu-as ao *chanteur* que exige, para as entregar, uma somma exageradissima, com a ameaça de as enviar ao conde, si não receber a quantia desejada.

A verdade é que taes cartas romperão o casamento, caso o conde as leia e, por isso, Lady Eva incumbiu-me de realizar a transacção.

* * *

Ouviu-se na rua o rodar de um carro e pareceu-me que tinha parado á entrada da nossa casa.

Para me certificar, cheguei-me á janella e vi, com effeito, uma luxuosa equipagem, cujas lanternas illuminavam dois soberbos cavallos alazões.

O lacaio abriu a portinhola e um homem obeso e baixo, com um grosso sobretudo de astrakan, desceu.

Instantes passados, dava entrada na sala onde nos achavamos.

Tinha uma testa intelligente e ampla; a face rechonchuda; barba rapada; uns olhos metallicos, penetrantes, brilhando através das lunetas d'oiro; e um sorriso traiçoeiro, inalteravelmente fixado nos labios carnudos e rubros. A voz era unctosa e melliflua.

O seu primeiro aspecto captaria a benevolencia, se não fôra a perpetuidade daquelle sorriso postiço e a dureza daquelle olhar d'aço.

Entrou com a mão estendida para Sherlock e disse-lhe que lamentava não o ter encontrado na occasião em que deixou o bilhete.

Holmes fingiu que não via a mão que se estendera para elle, e examinou o recem-chegado com um ar glacial e altivo.

O sorriso de Milverton, ante aquelle olhar, accentuou-se mais. Tirou vagarosamente o sobretudo, dobrou-o com methodo e poisou-o nas costas duma cadeira. Em seguida, sentou-se tranquillamente e disse, indicando-me:

— Não haverá incorrecção em que este senhor nos ouça?... Eu peço desculpa da observação, mas...

— O dr. Watson é, juntamente, meu amigo e meu socio.

— Bem, bem, sr. Holmes. Se fiz este reparo, foi no interesse da sua constituinte. O negocio é, como sabe, melindroso!

— O dr. Watson está ao par do assumpto.

— Então podemos falar á vontade. O sr. Holmes escreveu-me dizendo-se mandatario de Lady Eva. O mandato confere-lhe poderes para acceitar as minhas condições?

— Quaes são ellas?

— Sete mil libras.

— E se as não der?

— E'-me penoso, meu caro senhor, discutir esse ponto. Limito-me por isso a dizer-lhe que se eu não receber no dia quatorze deste mez a importancia que fixei, o casamento, marcado para o dia dezoito — deixará de effectuar-se.

Ao pronunciar esta ameaça tremenda, o seu sorriso tornara-se mais unctuso ainda.

Holmes reflectiu uns segundos e objectou:

— Parece-me que o sr. Milverton procede em desacordo com o seu habitual feitio de homem pratico. Essa exigencia é um devaneio.

Eu conheço o conteúdo da correspondencia e a minha cliente está disposta a seguir todas as minhas indicações.

Ora o que eu vou aconselhar-lhe é isto: que conte ao noivo todo esse passado de namoro insignificante e futil. O conde é um coração generoso, um espirito moderno. O casamento não deixará, pois, de realizar-se.

Milverton redarguiu, com ar de escarneo:

— Já vejo que não conhece Dovercourt!

Holmes nada replicou; mas a expressão da sua physionomia deu-me logo a perceber que elle conhecia muito bem o titular de que se tratava.

— Mas afinal as cartas são innocentes!

— Innocentes, não. Levianas é que lhes deve antes chamar... A sua cliente é uma brilhante cultora do genero epistolar. Asseguro-lhe, não obstante, que o conde ha de apreciar pouquissimo as ingenuas expansões amorosas de Lady Eva... Mas se o sr. Holmes julgar o contrario, não serei eu quem o contradiga. O caso, para mim, é um negocio e nada mais. Se entende que é de conveniencia para a noiva que eu remetta as cartas ao conde, claro é que não ha motivo para me entregar a somma que pedi.

Ao dizer isto, ergueu-se e pegou no sobretudo.

Sherlock, ferido no seu amor proprio, estava pallido de colera.

(*Continúa na pagina 66*)

— Espere um momento, senhor. Os negocios querem-se realizados com vagar. Tratando-se dum assumpto tão importante e delicado como este, o meu dever é empregar todos os esforços para prevenir um escandalo.

Milverton sentou-se outra vez.

— Tinha a certeza de que era esse o aspecto pelo qual o sr. Holmes, havia de vir a encarar a questão.

— Devo prevenil-o de que Lady Eva não é rica. O preço que exige a essa senhora é absolutamente incompativel com os recursos de que ella póde dispôr. Duas mil libras representam já um sacrificio immenso. E'-lhe impossivel dar mais.

— Sei perfeitamente, objectou o outro, que as circumstancias financeiras de Lady Eva são as que acaba de expôr-me. Mas, além disso, sei tambem, continuou elle com o seu inalteravel sorriso, que os parentes e os amigos da familia, na perspectiva de um tão bello casamento, auxilial-a-iam de bom grado.

A escolha de presentes é, muitas vezes, embaraçosa e difficil; e uma facil maneira de se pouparem a esse embaraço seria offerecerem-lhe a collecção das cartas... Estou convencido de que o resgate dellas havia de dar-lhe maior alegria do que a offerta das mais lindas e mais valiosas obras das joalherias londrinas.

— E' impossivel, disse Holmes.

— Lamento sinceramente, objectou Milverton, tirando dum bolso interior do casaco, uma carteira volumosa. As mulheres dão mostra de pouco senso quando, ás vezes, se negam a praticar um pequeno esforço que lhes traria a salvação.

Veja isto! e mostrou a Holmes um enveloppe brazonado.

Pertence a.... mas não devo tornar o seu nome antecipadamente conhecido. Amanhã, pela manhã, o conteúdo deste enveloppe será lido pelo esposo da senhora que o escreveu. E, afinal, por que? Porque não quiz dar-me uma miseravel somma que facilmente arranjaria, fazendo substituir por pedras falsas os diamantes que possue. Faz pena!

Lembra-se da brutal ruptura de Miss Miller com o coronel Dorkins?

Dois dias antes daquelle em que devia realizar-se o casamento, dava o *Morning Post* a noticia de que o projectado enlace se não realizaria. E afinal uma diminuta somma de mil e duzentas libras teria evitado o rompimento. Parece-me impossivel que o sr. Sherlock Holmes, um homem de bom senso, esteja a pôr difficuldades á entrega duma quantia de que depende o futuro e a honra da sua cliente. Palavra, que me espanta o seu procedimento.

— Falei-lhe lealmente, creia. Lady Eva empregou todos os meios, mas não conseguiu obter as sete mil libras. E' portanto mais vantajoso para o senhor acceitar a importante quantia que lhe offereço, do que impedir ou antes destruir sem interesse, a felicidade da minha constituinte.

— Engana-se redondamente. Embora por modo indirecto, um escandalo é-me sempre proveitoso. Estou tratando, nesta occasião, de oito ou dez negocios parecidos. Quando os interessados souberem o resultado que Lady Eva alcançou com a sua negativa ás minhas propostas, cederão immediatamente ás imposições que lhes fizer. Portanto o escandalo alguma coisa trará de util...

Holmes ergueu-se de um salto.

— Tome-lhe a sahida, Watson, não o deixe passar.

E dirigindo-se ao miseravel, bradou-lhe num tom imperioso:

— Mostre-me o que tem nessa carteira!

Milverton, com a rapidez de um rato, deixou o local em que estava e foi encostar-se á parede, com a frente voltada para nós.

— Sr. Holmes! sr. Holmes! replicou elle, abrindo o casaco e fazendo ver a coronha de um revolver sahida da algibeira interior. Esperava de si um lance menos corriqueiro. Ameaças dessas já me têm sido feitas bastantes vezes e sem resultado! Estou armado até os dentes e disposto a usar de todos os meios de defesa! Tenho a lei por mim.

Além disso, engana-se por completo se imagina que tenho as cartas commigo. Não seria tão estupido que cahisse em trazel-as para aqui. Tenham juizo, pois, senhores. Esta noite hei de encontrar-me com diversas pessôas e o caminho para Hampstead é longo. Não posso perder mais tempo com ridiculas comedias."

E, avançando serenamente, tomou o sobretudo com uma das mãos, conservando sempre a outra apoiada na coronha do revolver. Depois, encaminhou-se para a porta.

Num impulso de raiva, peguei numa cadeira para lh'a despedaçar no craneo, mas Holmes fez-me um signal energico e contive-me.

O facinora voltou-se, saudou-nos sorridente e saiu.

Poucos instantes decorridos, ouviamos o bater da portinhola da carruagem e o trote largo da parelha.

* * *

Holmes, descoroçoado, sentou-se ao fogão com as mãos mergulhadas nas algibeiras, a cabeça inclinada e o olhar fixo nas chammas. Sem fazer um movimento, sem dizer uma palavra, quedou-se naquella absorpção por uma longa meia hora.

De repente, ergueu-se da cadeira com o aspecto de quem tinha tomado uma decisão inabalavel e entrou para o quarto de dormir.

Quando voltou, dahi a pouco, vinha caracterizado com uma barbicha encaracolada e rala, e vestido com um trajo de operario.

— Tenciono voltar esta noite ainda, mas não sei a que horas, disse.

Comprehendi então que o meu amigo tinha iniciado o seu plano de batalha contra Carlos Augusto Milverton.

O que eu não podia adivinhar eram os extraordinarios episodios que nessa lucta se iam passar.

Durante os dias seguintes, Holmes entrava e sahia ás horas mais desencontradas do dia e da noite, vestindo sempre o seu disfarce de operario. Disse-me varias vezes que não perdia o seu tempo em Hampstead, mas não entrou nunca em pormenores.

Finalmente, numa noite tempestuosa, regressou de uma de suas expedições e vestiu o trajo habitual.

Acercou-se do fogão para se aquecer e, dali a instantes, voltando-se para mim, desatou a rir ás gargalhadas.

— Já lhe passou alguma vez pela cabeça que eu me casasse?

— Confesso que nunca!

— Pois, meu amigo, tenho o prazer de lhe annunciar que estou noivo.

— Felicito-o, Sherlock...

— E quer saber quem é a minha noiva? A creada de quarto de Milverton!

— Oh homem! Isso é lá possivel...

— Precisava de informações...

— Mas era inutil chegar a esse extremo.

— Illude-se. Não tinha outro caminho a seguir. Relacionei-me com a rapariga, fazendo-me passar por um soldador que faz bons salarios. Todas as tardes sahimos, muito juntinhos, a passeio. Que deliciosos colloquios, meu amigo! Figuro nessa comedia de amor, com o romantico nome de Scott. O caso é que consegui vir a conhecer como os meus dedos toda a casa de Milverton.

(*Continúa no proximo numero*)

ASSIM é que, ha mais de meio seculo, o **LEITE DE MAGNESIA PHILLIPS** é transmittido de geração em geração, receitado pelo clinico como o unico digno de confiança, e louvado com enthusiasmo por todo aquelle que a elle recorreu.

Nada o excede, para a neutralização da acidez excessiva do estomago, nada a elle se compara, em brandura e em efficacia, como laxante. Por estes motivos, é o remedio ideal, nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA APÓS AS REFEIÇÕES · ERUCTAÇÕES
AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

Incomparavel para tornar assimilavel ás creanças o leite de vacca, evitando as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia Phillips verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil e pode dar logar a irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para evitar os perigos duma imitação, exijam o envolucro azul com rotulo em Portuguez, e verifiquem o nome PHILLIPS, impresso no mesmo.

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo